

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FLADEMIR GONÇALVES DANTAS



A POESIA E OS SONS QUE ECOAM DAS SERRAS
CARNAUBENSES: UMA ANÁLISE DO LIVRO
CARNAÚBA DOS DANTAS-TERRA DA MÚSICA
DE DONATILLA DANTAS

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A POESIA E OS SONS QUE ECOAM DAS SERRAS CARNAUBENSES: UMA
ANÁLISE DO LIVRO CARNAÚBA DOS DANTAS – TERRA DA MÚSICA DE
DONATILLA DANTAS**

FLADEMIR GONÇALVES DANTAS

Natal/RN

2007

FLADEMIR GONÇALVES DANTAS

**A POESIA E OS SONS QUE ECOAM DAS SERRAS CARNAUBENSES: UMA
ANÁLISE DO LIVRO CARNAÚBA DOS DANTAS – TERRA DA MÚSICA DE
DONATILLA DANTAS**

Monografia apresentada ao curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob a orientação do Professor Luiz Eduardo
Brandão Suassuna.

Natal/RN

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A POESIA E OS SONS QUE ECOAM DAS SERRAS CARNAUBENSES: UMA
ANÁLISE DO LIVRO CARNAÚBA DOS DANTAS – TERRA DA MÚSICA DE
DONATILLA DANTAS**

FLADEMIR GONÇALVES DANTAS

Monografia apresentada em _____ de dezembro de 2007, à Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna

Orientador

Membro

Membro

À toda a minha família, em especial aos Dantas de Carnaúba, meus amigos e esposa pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não se concretizou baseado num ideal egocêntrico, sua feitura só possível pelo apoio e incentivo de muitas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a sua conclusão. Nos meus primeiros acordes sonoros gostaria de agradecer a Deus, criador e grande regente do mundo.

E como numa melodia irradiante e infinita, não poderia esquecer os professores do Departamento de História da UFRN, meu muito obrigado a todos, em especial ao mestre Luis Eduardo Brandão Suassuna, pelo apoio, atenção, cuidado e zelo para comigo, aceitando-me de imediato, quando do meu questionamento para a minha monografia. Suas palavras e orientações ditavam o ritmo e o tom seguido nos compassos e capítulos desta monografia, minha eterna dívida.

Não poderia esquecer o apoio do mestre Raimundo Nonato, por me ouvir e acreditar na minha proposta, ainda em 2006 e mesmo diante das inúmeras dificuldades que ora me ocorriam, esteve sempre disposto e auxiliando-me na medida do possível. Ao professor Cláudio Galvão, pelo acolhimento, pelos conselhos e por tudo que representa na história da música potiguar.

Um especial agradecimento a professora Aurinete Girão, uma pessoal que passei a admirar desde o primeiro momento. Sempre atenciosa e competente, um anjo que caiu do céu, uma estrela que ilumina e ajuda a todos. Não sei se conseguiria chegar até esta linha sem o seu apoio.

A todos os meus amigos do curso de História, destacando os sempre presentes Marcos Damasceno, Darlon Rauf, Arlan Eloy e especialmente “Chumbo Pinheiro”, Luis Pereira, pelas conversas históricas, troca de experiências e aflições.

A realização deste trabalho só possível, de fato, devido ao apoio irrestrito e incondicional do meu amigo, mestre e primo Helder Alexandre. Um carnaubense autêntico, dono de um coração infinito. Suas palavras sempre prontas a me ajudar, mesmo nos momentos mais difíceis. Meu mais harmonioso agradecimento, nestas singelas palavras, entretanto, minha gratidão vai continuar ecoando pelas serras carnaubenses, naquela imensidão, num silêncio profundo e continuo em memória a esse grande mestre.

Aos meus amigos da farda, em especial a Américo, pelo sacrifício das férias (acho que faz uns dois anos que não as goza, muito devido a minha monografia), ao Artymes (mesmo preocupado com o ABC Futebol Clube, me ouvia, me fazendo acreditar que estava interessado no assunto), ao Souza Júnior (pelos momentos de desabafo acadêmico) e ao coronel Rogério, por sempre acreditar em mim e suportar as inúmeras horas de conversas a respeito do Seridó musical, de Carnaúba dos Dantas, dos dobrados, valsas, anseios e devaneios que a rotina monográfica me exigia.

Aos meus amigos e companheiros musicais de todas as horas, Fábio Tavares, Alex Guimarães e Josivan Pereira, por celebrarem a paz e a música em sua maior plenitude, por contribuírem na minha formação musical, um tanto quanto aquém do esperado. Meu muito obrigado.

À minha esposa, Gislayne Cristina, que esteve sempre ao meu lado, me suportando e tolerando as muitas horas a frente do computador e dos livros. Por tudo que representa pra mim, meu apaixonado agradecimento.

À minha família, a sinfonia mais perfeita do mundo. Em especial ao meu irmão Flávio Dantas, pelo interesse na fase conclusiva. A minha irmã, mesmo distante, sinto-a do meu lado, como que me aplaudindo. Meus irmãos, meus orgulhos, meus exemplos. Devo muito a eles.

Poderia aqui, abrir infinitos capítulos para agradecer a minha mãe, dona Raminha, pelos conselhos, pelo amor, por tudo o que sou, mas isso seria impossível. Palavras não poderiam explicitar tamanha gratidão diante de tantas horas, dias, semanas e anos delegados à minha formação pessoal, de caráter e de ser humano que sou. Por tudo isso e mais um pouco, meu agradecimento amoroso a rainha da minha vida.

Jamais esquecerei os muitos momentos dedicados à minha família pelo meu pai, Fernandes Dantas. Um guerreiro, batalhador que sempre lutou na labuta diária para o sustento de todos. Meu exemplo maior de dedicação, meu amado e estimado pai.

Por fim, a todos aqueles que fazem parte da minha diminuta vida e que nesta ocasião, minha memória não os recorda, mas contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais sincero agradecimento.

“A música assemelha-se à poesia; em ambas há encantos sem nome, que nenhum método ensina, e que só podem ser alcançados por mão de mestre.”

Alexandre Pope, poeta e filósofo inglês (1688 - 1744)

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 CARNAUBA DOS DANTAS - TERRA DA MÚSICA | 12 |
| 1.1 Uma análise contextual..... | 12 |
| 1.2 Poesia e amor à terra carnaubense..... | 23 |
| 2 OS PRIMEIROS ACORDES. Carnaúba dos Dantas: Terra da Música? | 25 |
| 2.1 Composição e repertório: um breve comentário acerca do contexto histórico do Seridó norte-rio-grandense no final do século XIX, berço de nascimento de Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas..... | 37 |
| 3 AS MELODIAS DO PASSADO CARNAUBENSE: Tonheca Dantas e Felinto Lúcio, dois músicos, duas histórias | 40 |
| 3.1 Uma valsa que atravessa o século: a genialidade de Tonheca Dantas..... | 40 |
| 4 SERIDÓ, MÚSICA E SUOR | 48 |
| 4.1 Entre a enxada e a batuta: o papa da música carnaubense, Felinto Lúcio Dantas..... | 48 |
| CONCLUSÃO: ACORDES FINAIS | 57 |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA | 59 |

INTRODUÇÃO

Em CARNAÚBA DOS DANTAS plantando música em cima dos serrotes, nasce, cresce e floresce bonita e viçosa. E isso vem de muito tempo. Lembrar os nomes dos pioneiros da arte regional seria difícil. Recordar Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas resume todos os músicos locais, de ontem e de hoje. (Cláudio Galvão - Historiador).

* através da análise da obra...

A idéia central desta monografia é a de investigar as representações sobre a música em Carnaúba dos Dantas, mais especificamente, analisando a obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, da escritora e poetisa Donatilla Dantas, considerada pelos carnaubenses como uma de suas maiores inteligências, viveu praticamente toda a sua vida em Brasília, de onde coordenou a criação de uma biblioteca pública em 1947, que hoje leva seu nome, em sua terra natal.

O livro-documentário, *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música* publicado em 1987 possui mais de mil páginas, foi o fruto de seu esforço de mais de quatro anos de pesquisas, constando de uma série de fotografias e documentos históricos sobre Carnaúba dos Dantas entre 1928 e 1987.

* dar mais detalhes: ocupação em Brasília, qual a ligação com Carnaúba dos Dantas

O interesse de pesquisar esta temática se deu no segundo semestre do ano de 2004, durante as aulas ministradas pelo professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna na disciplina intitulada, Formação Histórica do Rio Grande do Norte na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Descobri uma série de personagens que fizeram parte da história potiguar; Café Filho, Auta de Souza, Zila Mamede, Jorge Fernandes entre outros. Dentre as personalidades e intelectuais, me deparei com um universo um tanto quanto ignorado, e ao mesmo tempo fascinante no tocante à música norte-rio-grandense. Duas personagens me chamaram de imediato a atenção: Antônio Pedro Dantas (Tonheca Dantas) e Felinto Lúcio Dantas, ambos nascidos em Carnaúba dos Dantas, músicos e compositores seridoenses.

O fato de eu ser músico autodidata colaborou ainda mais para com o meu interesse em trabalhar com a temática da música. Devo ressaltar que o desejo de desenvolver um trabalho monográfico referente à música em Carnaúba dos Dantas só passou a tomar forma e a se consolidar a partir das pesquisas e constantes conversas com minha avó paterna, Maria Hilária Dantas, natural de Carnaúba dos Dantas, que relatava romanticamente, as passagens de seu

casamento, a festa, que ocorrerá nos idos da década de 40, e que durante a realização dos festejos matrimoniais, a música que embalava os convidados e a ela também, era do saudoso músico carnaubense, Felinto Lúcio Dantas. A tríade motivação, minha relação genealógica com Carnaúba dos Dantas, com a música e com a história, me levaram a elaborar esta monografia.

O estopim ocorrido no ano de 2004 me levou a pesquisar sobre o assunto, e inicialmente foi indispensável à leitura de alguns títulos de referência na História da Música do Rio Grande do Norte, e que dão subsídios para a estruturação da monografia, como por exemplo, a obra do historiador Cláudio Galvão, *A desfolhar saudades, uma biografia de Tonheca Dantas*, na qual o autor resgata acontecimentos e fatos da vida do músico carnaubense. Outro livro que também tem esse caráter biográfico é *O plantador de sons: vida e obra de Felinto Lúcio Dantas*, e fora escrito pelo músico e professor da UFRN, Danilo Guanais.

Outra obra importante no contexto geral da monografia é o livro organizado pelo historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo, nomeado de *Ritmos, sons, gostos e tons do Patrimônio Imaterial de Carnaúba dos Dantas*, no qual é realizado um levantamento do patrimônio cultural e histórico da cidade de Carnaúba dos Dantas. Interessam-nos mais precisamente os capítulos do livro dedicados a história local e a arte musical.

As pesquisas realizadas no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN, me levaram a dissertação de mestrado de Ronaldo Ferreira de Lima, intitulada *Bandas de música, escolas da vida*, elaborada no curso de Ciências Sociais da UFRN, tem como objeto de estudo duas filarmônicas da região do sertão do Seridó norte-rio-grandense; a Filarmônica Hermann Gmeiner, do Projeto Aldeias Infantis SOS, de Caicó, e a Filarmônica 24 de outubro, de Cruzeta. Trabalhando com a idéia de aprendizado musical das referidas filarmônicas, sua importância pedagógica, cultural e social no Seridó potiguar.

Outra dissertação do curso de Ciências Sociais da UFRN, de autoria de Paulo Marcelo Marcelino Cardoso, denominada *Lourival Cavalcanti e o Universo das Bandas de Música*, procura refletir sobre a realidade social das bandas de música, suas relações com o cotidiano das pessoas, dos acontecimentos que envolvem as bandas e a comunidade na qual estão inseridas, procurando sempre enfatizar a tradição musical destas organizações no Rio Grande do Norte, destacando a figura do Mestre de Banda Lourival Cavalcanti.

No caso do curso de História da UFRN, as pesquisas no campo da História da Música ainda estão engendrando seus primeiros passos. No acervo do Núcleo de Estudos Históricos

do curso de História da UFRN, podemos encontrar um limitado número de monografias tratando do assunto, muito embora o recorte espacial esteja mais voltado para o cenário nacional, com temáticas voltadas para o samba, à música popular brasileira (MPB) e o Tropicalismo. Sobressai-se a monografia de Marjorie Salú Miranda Sá, intitulada de *Sons do Rio Grande do Norte: Tonheca Dantas e seu tempo*, na qual a historiadora procura demonstrar a popularidade do músico Tonheca Dantas nos dias atuais, traçando um esboço histórico e contextualizado da vida do referido músico.

Foi durante a realização destas pesquisas que me defrontei com o volumoso livro *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, da escritora e poetisa Donatilla Dantas, despertando o meu interesse em analisar as muitas páginas do livro, a fim de perceber as diferentes representações acerca da música em Carnaúba dos Dantas. Na perspectiva teórica faremos uso do conceito de representação proposto por Roger Chartier¹, no livro *História cultural - entre práticas e representações*, pois as idéias presentes neste livro servem muito ao trabalho do historiador, principalmente aos estudos relacionados à História da Cultura, campo historiográfico no qual a monografia esta inserida.

Desta forma, temos que a História Cultural, campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do século, é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento, como a cultura popular, a cultura letrada, os sistemas educativos e as diferentes temáticas que envolvem a noção de cultura, bem como as suas representações e práticas. A História da Cultura não se limita a analisar apenas a produção literária e artística oficialmente reconhecida, uma vez que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão.

A partir das idéias acima, procedemos então, a um fichamento do livro *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, procurando sintetizar e analisar contextualmente cada um dos dezessete capítulos, organizando as idéias, de modo que pudéssemos ter uma visão panorâmica da obra. Para essa análise, dedico o primeiro capítulo do livro, que ainda focalizou alguns momentos da vida da autora.

Num segundo momento, a partir dos documentos contidos no livro, procuro analisar os diferentes sujeitos, bem como seus discursos que tratam da atividade musical em Carnaúba

¹ CHARTIER, Roger. *História cultural – entre práticas e representações*. Lisboa, Difel: 1990.

dos Dantas, buscando compreender as relações existentes entre Carnaúba dos Dantas e o título de “Terra da Música”, meu intuito era de reconstituir historicamente o surgimento da arte musical no Seridó, tendo como referencial as impressões destes narradores. Tomaremos como ponto de partida as bandas de música do final do século XIX, pois é na banda que a música floresce e flui na região do Seridó norte-rio-grandense, no qual Carnaúba dos Dantas está inserida, diferentemente do que ocorreu em Pernambuco e Rio de Janeiro, onde a expressão musical mais forte eram respectivamente o frevo e o samba.

Nos terceiro e quarto capítulos da monografia, analiso partindo dos documentos encartados na obra supra, a relação dos compositores Antônio Pedro Dantas (Tonheca) e Felinto Lúcio Dantas com a música. Demonstrando a genialidade dos músicos, suas composições, acontecimentos e fatos históricos, bem como as peculiaridades de suas vidas.

Com tal empreendimento, minha intenção é a de modestamente, contribuir para com o estudo da história da música no Rio Grande do Norte, uma vez que a história da música enfrenta muitas dificuldades, como atesta o historiador José Geraldo Vinci de Moraes, afirmando que, “[...] é preciso salientar que o trabalho investigativo nessa área da história social e cultural que trata da música permanece pouco explorado, principalmente nos temas relacionados à música popular”² É somente a partir do final dos anos 70, e mais concretamente no final dos anos 80 que as pesquisas por novos objetos e novas fontes da música popular ganharam espaço na historiografia brasileira.

É neste campo que caminhamos, buscando a compreensão das diferentes representações acerca da cultura musical de Carnaúba dos Dantas, cidade situada no sertão do Rio Grande do Norte, que é conhecida, popularmente, como a *Terra da Música*.

² MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia*, p. 27.

1 CARNAÚBA DOS DANTAS - TERRA DA MÚSICA

CARNAÚBA DOS DANTAS não poderia deixar de ser motivação para eu levar avante a idéia deste livro, uma vez que a minha força está junto as minhas raízes que estão lá. (Dantas, Donatilla. *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*).³

1.1 Uma análise contextual

O livro intitulado *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música* lançado em 1987 é a segunda obra da escritora e poetisa Donatilla Dantas que já havia lançado em 1959 sua primeira obra “Candango”, uma coletânea de poesias em que exaltava os trabalhadores que construíram Brasília e o alvorecer da nova capital da República brasileira. O segundo livro possui um caráter documental e memorialista, constando de uma série de fotos e documentos históricos dos mais diversos acerca de Carnaúba dos Dantas entre os anos de 1928 a 1987, a exemplo de cartas manuscritas e datilografadas, artigos, telegramas, recortes de revista e jornal, partituras, bilhetes, poesias e ofícios.

A inspiração de escrever o segundo livro nasceu da viagem a Carnaúba dos Dantas em julho de 1982, quando encontrou com D. José Adelino Dantas, considerado seu guia espiritual, a quem lhe dedicou o livro. Na ocasião de sua visita, ele fez à nossa biografada uma pergunta: “Donatilla, o povo de Carnaúba dá valor ao seu trabalho?”. E, partindo desse questionamento, coordenou o livro, que segundo as palavras da autora, “[...] ficaria registrado, para que as gerações futuras soubessem, QUEM FOI QUEM EM CARNAÚBA DOS DANTAS, no passado...”⁴, abrangendo ainda,

Seu povo, sua FÉ EM DEUS, seus heróis reconhecidos e anônimos, seus benfeitores, seus governantes, suas tradições, suas velhas figuras que fizeram história, seu decantado MONTE DO GALO, seu MONUMENTO A CAETANO DANTAS, sua

³ DANTAS, Donatilla. *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*, Apresentação das peças do documentário – b.

⁴ Ibid. Abertura do livro. Não paginado.

BIBLIOTECA PÚBLICA, seu HORTO FLORESTAL, seu tradicional GRUPO ESCOLAR CAETANO DANTAS, sua música, seus minérios e seus artistas.⁵

Segundo Helder Alexandre Medeiros de Macedo, sobre a autora e a obra “o documentário sobre Carnaúba dos Dantas está intimamente ligado à vida da autora. Podemos dizer, inclusive, que faz parte da vida dela...”⁶. Tal relação fica evidenciada pelas três vindas ao município (1949, 1957 e 1982), resultando em inúmeros textos de observação sobre os costumes e as pessoas, além de abundante documentação iconográfica e epistolográfica, constituindo a base documental do livro. Fato importante foi a fundação da Biblioteca Pública em 1947 e que hoje leva seu nome, acontecimento que marcou sua vida e permeou toda a obra.

O livro foi prefaciado pelo poeta e escritor General Umberto Peregrino⁷ e a orelha pelo Desembargador Ernesto Borges, personalidades de renome nacional. O volumoso livro, que possui mais de mil páginas, está estruturado em três partes, antecedido por “Algumas declarações da autora” e a “Apresentação das peças do documentário”. A parte I, corresponde à Abertura do Livro, enquanto a Parte II é composta de “Depoimentos Vários”. Na Parte III está o cerne das atenções da autora, que são dezessete capítulos falando de Carnaúba dos Dantas, de sua cultura, história, da vida pessoal e profissional da escritora em Brasília. O último dos capítulos corresponde à conclusão do livro e agradecimentos.

Na Parte I do livro consta uma série de depoimentos, nos quais diversas pessoas relatam suas impressões acerca da importância de uma biblioteca em cidades pequenas, como Carnaúba dos Dantas. Em geral, os depoimentos partem de pessoas com as quais a autora conviveu, seja no trabalho ou na vida pessoal e familiar. A preocupação em registrar todos os que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração do livro fica evidente nesta primeira parte. O cuidado em catalogar todas as fotos, bem como uma pequena biografia ou curriculum vitae de cada contribuinte, demonstra o zelo e a forma metódica de organizar os documentos e artigos.

⁵ Ibid. Apresentação das peças do documentário. Não paginado.

⁶ MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. (Org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do Patrimônio Imaterial de Carnaúba dos Dantas**, p. 214.

⁷ Umberto Peregrino nasceu no dia 3 de novembro de 1911, na cidade de Natal, RN. Exerceu diversas funções na carreira militar e foi diretor do Instituto Nacional do Livro. Umberto Peregrino publicou diversos livros entre os quais *Literatura de Cordel em discussão* (1984), além de ensaios e artigos em revistas e jornais. Disponível em < <http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicftz.htm> >. Acesso em: 19 set. 2007.

Dentre os inúmeros contribuintes, citemos um trecho da carta remetida pelo antropólogo potiguar Veríssimo de Melo⁸ na qual comenta sobre a importância de uma biblioteca numa pequena cidade:

Na cidade grande, o ser humano fica cada vez mais isolado. Quanto mais cresce uma cidade, como que mais diminui cada um dos seres que vivem nela. [...] Na cidade pequena, ao contrário. A cidade como que é a extensão de nossa própria família. Conhecemos todos e sabemos o passado e o presente de cada um e com esses dados, é fácil adivinhar o futuro. A biblioteca, em tal caso, representa a boa comunicação com o mundo distante daquele em que estamos.⁹

Outro depoimento do pintor, poeta, senador e ministro Guido Fernando Mondin¹⁰, ainda falando sobre a temática da biblioteca em Carnaúba dos Dantas, em carta manuscrita, demonstra a mesma preocupação com a cultura:

O Brasil somente preservará a sua soberania pela instrução e zelo pela educação, impondo-se a descentralização da sua cultura. Se a criação de bibliotecas é um imperativo nas grandes cidades, o que não se dirá da sua necessidade no interior [...].¹¹

Nesta primeira parte do livro, as poesias, poemas e sonetos enriquecem o teor literário da obra. Encontram-se ainda, fotografias da autora com o folclorista e escritor Câmara Cascudo, com quem trocava correspondências e certa vez lhe disse, conforme a autora afirma

⁸ Veríssimo de Melo nasceu no dia 9 de julho de 1921, na cidade de Natal e faleceu no dia 18 de agosto (mês do folclore) de 1996. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Publicou: Adivinhas (1948), O conto folclórico no Brasil (1976), Folclore brasileiro: Rio Grande do Norte (1978), Folclore infantil (1965), Tancredo Neves na literatura de cordel (1986), Medicina popular no mundo em transformação (1996). Disponível em < <http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicftz.htm> >. Acesso em: 19 set. 2007.

⁹ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Abertura do Livro. d – 2 – z- 29. Não paginado.

¹⁰ Guido Fernando Mondin nasceu no dia 6 de maio de 1912, na cidade de Porto Alegre, RS e faleceu no dia 20 de maio de 2000. Exerceu mandatos de deputado estadual, vice-prefeito, deputado federal e ministro do Tribunal de Contas da União. Publicou: A lenda do Lago (1979), Recado a Flávia: autobiografia (1976) entre outros. Disponível em < http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp >. Acesso em: 19 set. 2007.

¹¹ DANTAS, Donatilla. Op. cit. (h) não paginado.

no livro, “DONATILLA, VOCÊ POVOOU DE LIVROS A SOLIDÃO DO SERIDÓ”¹². Cascudo inseriu o nome de Donatilla Dantas em virtude de suas pesquisas sobre a palavra “Candango”, a partir da segunda edição (1959) no livro “Dicionário do Folclore Brasileiro”. Seguem-se nas páginas do documentário várias fotografias com Dom José Adelino Dantas, com o maestro Felinto Lúcio Dantas, familiares, amigos, lugares e paisagens. Em síntese, na primeira parte do livro os assuntos predominantes são a Biblioteca Pública de Carnaúba, posteriormente, a partir de 1957, Biblioteca Pública Donatilla Dantas, e alguns amigos do Tribunal Superior Eleitoral.

A Parte II do livro, nomeada de “Depoimentos vários” também aborda temas envolvendo a biblioteca que Donatilla Dantas fundara. Contudo, existem alguns ensaios sobre a vida do bispo Dom José Adelino Dantas e de Pedro Alberto Dantas¹³ de autoria de Luiz Gonzaga Meira Bezerra. Outro correspondente é Pedro Arbués Dantas que escreve diversas cartas para Donatilla, tratando de vários assuntos, dentre eles, um sobre a idéia de organizar um museu em Carnaúba dos Dantas, o atual Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias, no sopé do Monte do Galo. Outro intitulado de “Roteiros sobre a origem e fundação do lugar” que procura traçar um esboço da história de Carnaúba dos Dantas, através da história oral, como o próprio Pedro Arbués nos indica na carta remetida em 10 de setembro de 1983 à autora: “Na batalha para a colheita das minhas longas pesquisas, muita coisa importante ouvi e notei. Foram diálogos com mais de 20 pessoas entre 70 a 90 anos e até com mais idade [...]”.¹⁴ O historiador Pedro Arbués Dantas remeteu outras correspondências com temas versando sobre a história e personagens daquela cidade, destacando-se ainda uma biografia e genealogia de João Henrique Dantas, vereador e prefeito de Carnaúba dos Dantas entre 1955 a 1964.

Na Parte III do livro está o âmago das atenções da autora. São dezessete capítulos falando de Carnaúba dos Dantas, da cultura, vida pessoal e profissional em Brasília. No primeiro capítulo, “O Cruzeiro Comemorativo da Fundação de Carnaúba - RN”, Donatilla Dantas descreve as principais características do Cruzeiro, enfatizando a obra como uma expressão da religiosidade do povo do Seridó e principalmente de Carnaúba dos Dantas. Fazendo referências a nomes de pessoas que tiveram uma participação efetiva na consolidação da construção do Cruzeiro, como o do idealizador Pedro Alberto Dantas e de

¹² Ibid. cap. 17 – 4 – Conclusão do livro e agradecimentos

¹³ Nasceu em 5 de setembro de 1878 em Carnaúba dos Dantas. Foi um dos idealizadores do Cruzeiro do Monte do Galo e primeiro tesoureiro entre 1928 a 1940.

¹⁴ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Depoimentos vários, nº 7 – k.

seus irmãos José Alberto Dantas, Thomaz Alberto Dantas, Antônio Alberto Dantas e Paulino Alberto Dantas, ambos os tios legítimos da autora. No capítulo em questão, encontra-se uma cópia na íntegra do discurso oficial, pronunciado pelos irmãos Antônio e José Alberto Dantas em Carnaúba em 25 de outubro de 1928 na inauguração do “Cruzeiro do Monte do Galo” e várias fotografias que registraram esse acontecimento, bem como alguns recortes de jornais “A República” de 28 de junho de 1930, o “Poti” de 28 de outubro de 1973 e a “Tribuna do Norte” de 13 de abril de 1976, que fazem menção ao Monte do Galo como um centro de atração religiosa, intitulando-o como uma futura Jerusalém e que posteriormente, a partir da década de 1970 viria a ser local de peregrinação e de encenações do drama da Paixão de Cristo.

No capítulo II, A Musicologia Carnaubense, as atenções se voltam às pesquisas sobre a música, transparecendo muito romantismo e poesia na descrição desta arte na terra natal da biografada, como no trecho a seguir: “Ela está plantada entre cadeias de montanhas e o RIO CARNAÚBA que rodeado de carnaubais dançantes escreve poemas sonoros e harmoniosos, parecendo cantar uma sinfonia melodiosa naquelas belezas que Deus nos deu [...]”¹⁵

Seguindo a estrutura do livro, um artigo interessante sobre a música, publicado em 28 de junho de 1930 no jornal “A República” de autoria do Dr. Otávio Pinto, no qual afirma que “Carnaúba é a cidade da música, quase todos os carnaubenses são músicos” e que a música “[...] é uma coisa congênita do povo.”¹⁶ Posteriormente, temos uma pesquisa realizada em 1982, por Sônia Maria Dantas, prima de Donatilla Dantas, sobre a Banda de Música de 1928, onde constam os nomes dos integrantes e os respectivos instrumentos. Sônia Dantas também estabeleceu o grau de parentesco dos músicos da Banda de Música de 1928 com os então atuais (em 1982) integrantes da Banda de Música Tarcísio de Vasconcelos Maia, fundada em 1979. Felinto Lúcio Dantas contribuiu com as pesquisas de Donatilla Dantas, remetendo-lhe uma carta na qual relata nomes, datas e acontecimentos acerca da música em Carnaúba dos Dantas, que foram obtidas através de relatos orais, conforme Felinto Lúcio registra em carta.

Donatilla cita ainda algumas pessoas que possuem talentos musicais: como Maria Albertina Dantas (Marieta), prima legítima, que tocava órgão na igreja de São José na década de 1980; Antônio Casemiro Dantas, tio legítimo, que tocava piston; Cândida Dantas da Silva, também parente, cantora do coro da igreja de São José, e que também tocava cavaquinho na década de 1930. A autora finaliza este capítulo com uma relação de músicos residentes no sítio Xiquexique, todos parentes da autora.

¹⁵ DANTAS, Donatilla. Op. cit. A Musicologia Carnaubense. Cap. 2. Não paginado.

¹⁶ Ibid. Não paginado.

A Biblioteca Pública de Carnaúba e a Verdade é o tema do Capítulo III. Nesta parte, a autora declara a importância de citar, dentre os mais de cinco mil, os nomes de alguns colaboradores, documentos e fatos que envolveram a criação e posterior manutenção da biblioteca que fundara em 1947 e que se tornou o tema central do documentário. Como o próprio título sugere, a intenção é a de dizer a verdade sobre a biblioteca e segundo suas palavras “... que os fatos sejam mostrados tais quais aconteceram”¹⁷ demonstrando a preocupação em registrar seu feito para a posteridade e provar documentalmente a realização do mesmo, justificando assim, a presença de vários documentos “borrados e emendados” como sendo necessários para simbolizar a verdade do livro. Igualmente, consta uma pequena biografia de alguns desses vários colaboradores, anexando cartas, fotos, poemas e poesias, telegramas e ofícios. A parte destinada aos agradecimentos é bem volumosa, registrando amigos, familiares, ministros, desembargadores e deputados.

Este capítulo é uma espécie de autobiografia no que diz respeito ao trabalho em prol da cultura carnaubense, constando ainda de “uma viagem à memória do TSE onde trabalhou 32 anos.”¹⁸ Elaborado com base no quinteto *justiça, amor, verdade, união e trabalho*, tendo a atenção voltada para a preservação e garantia de que a memória de uma época e de todos que contribuíram para o enriquecimento do acervo cultural de Carnaúba dos Dantas não fossem esquecidos.

Entre os vários documentos encartados, encontram-se algumas atas, como a de inauguração da Biblioteca Pública, lavrada no dia 21 de dezembro de 1947 por Pedro Henrique Dantas, que, posteriormente, chamar-se-ia Pedro Arbués Dantas, o mesmo que mantinha correspondência com a autora, no salão nobre do Grupo Escolar Caetano Dantas e a de municipalização e denominação de Biblioteca Pública Municipal “Donatilla Dantas” de 12 de julho de 1955. Documento importante e de conteúdo expressivo é o discurso pronunciado durante a inauguração do prédio próprio da Biblioteca¹⁹ em 21 de julho de 1957, pelo historiador paraibano Sebastião de Azevedo Bastos, que realizou um esboço histórico da figura de Caetano Dantas Corrêa, povoador do Seridó no século XVIII e uma breve biografia da autora.

O Capítulo IV é uma homenagem ao primo, o Dr. José Próspero Dantas, professor universitário em Brasília, que a representou durante a inauguração da biblioteca que fundou em 1947. No Capítulo V, “Alguns Benfeitores de Carnaúba dos Dantas”, percebemos

¹⁷ Ibid. Cap. 3. A Biblioteca Pública de Carnaúba e a verdade

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Fora instalada provisoriamente numa sala da residência de José Estevam Dantas Filho.

nitidamente a retomada de algo extremamente presente na obra, o registro dos colaboradores e doadores da biblioteca, que havia fundado em Carnaúba dos Dantas. O cuidado em relacioná-los, biografá-los, catalogar fotos, cartas, acontecimentos e telegramas é marca presente neste capítulo.

Destaca-se as muitas páginas dedicadas ao Deputado Federal e Presidente da República Café Filho, com quem teve uma enorme amizade e influência, o que possibilitou levantar verbas para a construção da rodovia Carnaúba-Picuí em 1950 e do Bosque Presidente Café Filho em 1955, hoje Horto Florestal. Tal projeto foi apresentado à Câmara Municipal de Carnaúba dos Dantas pela sua irmã Desidéria Dantas - à época vereadora -, tendo sido aprovado pelo corpo de edis e sancionado pelo Prefeito Anatólio Cândido de Medeiros em meados da década de 1950. Outras figuras políticas do Rio Grande do Norte foram lembradas, a exemplo do senador Dinarte Mariz, dos deputados Djalma Marinho, monsenhor Walfredo Gurgel e José Augusto Bezerra de Medeiros.

Dentre os vários documentos encartados neste capítulo, um artigo do desembargador Silvino Bezerra se sobressai pelo caráter histórico. Neste artigo, lido durante uma sessão comemorativa do 95º aniversário de nascimento de Tonheca Dantas no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 31 de julho de 1965, Silvino Bezerra faz uma pequena biografia do referido músico, relatando fatos e acontecimentos da vida do músico.

A primeira visita que Donatilla fez a Carnaúba dos Dantas em 1949 resultou no sexto capítulo de seu livro, no qual relata a religiosidade, os usos e costumes do povo, bem como algumas fotografias de uma visita ao sítio Xiquexique, local onde nasceu.

No Capítulo VII – “Homenagem Cívico-Religiosa em Memória a Caetano Dantas Correa”, que segundo a autora é a parte mais importante da obra, observamos a preocupação com as tradições do povo carnaubense e o caráter memorialista da obra. Idealizada por Dom José Adelino Dantas, então bispo de Caicó, as celebrações se iniciaram no dia 19 de julho de 1957, com uma missa campal em frente à Capela do Rosário em Acari, local onde foi sepultado Caetano Dantas, seguido de uma romaria cívica à antiga fazenda dos Picos de Cima, onde ocorreu a inauguração de um monumento, uma placa com os seguintes dizeres em bronze:

Neste local erguia-se outrora / a casa da fazenda de Picos de Cima / solar do patriarca / Caetano Dantas Correa / seus descendentes aqui vieram / em romaria cívica, aos 19 de julho de 1957 / e aqui fincaram este marco / em memória de seu nome e de seu valor.²⁰

As homenagens prosseguiram no dia 21 de julho de 1957 em Carnaúba dos Dantas, com a inauguração do monumento a Caetano Dantas Correa, uma escultura em bronze, de autoria do Dr. Hostílio Dantas, com uma inscrição redigida por D. José Adelino, onde se lê:

Ao Coronel de Milícias CAETANO DANTAS CORREA, tronco dos DANTAS DO SERIDÓ, que irmanados aos AZEVEDOS povoaram estas terras e fundaram esta cidade. O povo de CARNAÚBA ufano de tão inolvidáveis ascendentes perpetua neste MONUMENTO o testemunho de sua homenagem e de seu culto.²¹

Toda programação citada acima foi minuciosamente relatada por Donatilla Dantas, que fotografou e descreveu as cerimônias. Ambos os monumentos registram fatos importantes para história e à memória seridoense, com um forte teor religioso e patriótico, enaltecendo a figura de Caetano Correa Dantas, povoador do Seridó no século XVIII.

O Capítulo VIII – “A presença em Carnaúba dos Dantas do prefeito João Henrique Dantas (1961 -1965)” é marcado pela descrição das realizações do citado prefeito no mandato supra mencionado, destacando-se a valorização do Horto Florestal, arborização de praças e reforma da Biblioteca. No capítulo seguinte, há mais uma homenagem, desta vez a Antídio de Azevedo (1887 - 1975), jornalista e acadêmico de Jardim do Seridó, que participou das comemorações a Caetano Dantas Correa e da fundação do prédio novo da Biblioteca em 1957.

No decorrer deste capítulo, a autora abre um parêntese para relatar a dificuldade de organizar o documentário, de redigir e datilografar, de montar os papéis, das caminhadas ao serviço de cópia (xerox), ao fotógrafo e do trabalho de pesquisa e seleção dos documentos, alegando ser um esforço mais que humano, ademais que, durante a década de 1980 já sofria com a diabetes, o que dificultava ainda mais o trabalho. Retoma a atenção dos leitores,

²⁰ DANTAS, Dom José Adelino. **Homens e fatos do Seridó Antigo**, p. 78.

²¹ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 7 – p – 3.

alegando que a temática principal do documentário é a biblioteca que fundara com ajuda dos amigos, e que desta forma não poderia omitir nomes de pessoas que contribuíram no crescimento da casa de cultura, justificando assim, tantas páginas dedicadas às homenagens.

O Hino a Carnaúba dos Dantas e a participação do prefeito Paulo Medeiros, servem de temática para o Capítulo X. A pedido de Donatilla Dantas, o poeta e membro da Academia de Letras do Paraná, Dr. Francisco Pereira da Silva elaborou a letra do hino, ficando a música a cargo do maestro Felinto Lúcio Dantas. O prefeito Paulo Medeiros oficializou o hino através da Lei 175, de 23 de abril de 1974, aprovada por unanimidade na Câmara Municipal. Nas entrelinhas do hino, podemos perceber a exaltação de Carnaúba dos Dantas, dos povoadores e de sua história. A ênfase nas características naturais – no caso, as carnaubeiras –, o apelo religioso e patriótico, bem como a menção das qualidades de um povo ordeiro, fiel, lidador e como sendo uma raça de heróis, finalizando com a biblioteca que nossa biografada fundou.

Um ponto nos chama atenção no hino: a ausência de qualquer referência à música em Carnaúba dos Dantas. Ora, geralmente os hinos dedicados, sejam à cidades, estados ou nações, procuram enaltecer e exaltar as suas principais características culturais, naturais, políticas ou sociais. Não iremos entrar nos pormenores desta questão, mas fica o registro de que no hino da cidade, conhecida como “Terra da Música”, lugar de nascimento de Tonheca Dantas, Felinto e Pedro Lúcio Dantas, de José Venâncio e tantos outros, não há uma única estrofe mencionando a música ou seus músicos, algo tão presente na história de Carnaúba dos Dantas.

Para homenagear o autor da letra do hino, Donatilla Dantas dedica o Capítulo XI ao acadêmico e poeta, Dr. Francisco Pereira da Silva e o Capítulo XII, ao maestro Felinto Lúcio Dantas, compositor da música. Nestes dois capítulos, encontramos diversas cartas, a letra e a partitura do hino supra mencionado, convites, fotografias e dados biográficos dos homenageados. Com relação a Felinto Lúcio Dantas, encontramos ainda o registro da partitura do Dobrado 62, dedicado ao bispo D. José Adelino Dantas, um dos responsáveis pela projeção do músico, tornando possível a gravação de um disco pelo Mobral na década de 1970, bem como que suas músicas fossem levadas ao Vaticano e à imprensa nacional.

No Capítulo XIII – “A Arte Carnaubense Está no Sangue”, Donatilla Dantas afirma que a música é a tônica da terra e que artes como a pintura, a dança, o canto, a poesia e outras manifestações artísticas vêm ocorrendo desde o século XVIII, além do que o fato de casar primos com primos concorre para a proposição deste capítulo. Igualmente, faz referência a

várias pessoas da família Dantas que possuem algum dote artístico, destacando-se alguns parentes residentes em Brasília.

A administração do prefeito Valdemar Cândido de Medeiros (1977 - 1982), é assunto do Capítulo XIV, considerado pela autora como o prefeito da cultura, da saúde e da educação e que durante a administração contribuiu para o embelezamento e arborização da cidade, construindo a Praça São José, a Casa de Parto Nossa Senhora da Paz e a Casa do Idoso.

A terceira e última viagem à Carnaúba dos Dantas, em julho de 1982, foi o foco do XV Capítulo. Podemos observar a atenção dirigida da autora para com o registro fotográfico de determinados prédios tidos como importantes, pois demonstrariam o grau de desenvolvimento da cidade. A preocupação em determinar as datas de fundação e /ou inauguração de obras e acontecimentos é evidenciada pelas explicações em cada foto, sobressaindo-se as imagens do Horto Florestal (1956), dos prédios próprios da Prefeitura Municipal e da Biblioteca Pública (1957), da Delegacia (1959), do Grupo Escolar João Henrique Dantas (1963), do Grupo Escolar Olavo Lamartine²² (1969), todas as construções erigidas na administração do prefeito Anatólio Cândido de Medeiros. Das observações do cotidiano, dos lugares, de acontecimentos e das pessoas feitas por Donatilla em 1982, acarretaram uma série de análises contidas nas muitas páginas do documentário.

O penúltimo capítulo do livro é dedicado a duas pessoas que são denominadas de “heróis anônimos”, Pedro Arbués Dantas, idealizador de um museu e o maestro José Marinho Dantas, que lutou por uma banda de música em 1974, a qual seria chamada de “Banda Marcial Tonheca Dantas”. Marinho Dantas esforçou-se para por em prática suas idéias, organizando uma festa cívica e a escrevendo para Donatilla Dantas. Contudo, com a chegada de D. José Adelino Dantas em 1975 a idéia da banda ganhou corpo e, em 1979 foi inaugurada a “Banda de Música Dr. Tarcísio Maia”, regida pelo maestro Francisco das Chagas (Pinta) e mais 28 músicos. Em relação a Pedro Arbués Dantas, trata-se de um “herói”, nas palavras da autora, pela luta incansável em prol da cultura e da história de Carnaúba dos Dantas, demonstrada em muitas pesquisas sobre antiguidades e pelo interesse na fundação do Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias, bem como na organização de festas cívico-religiosas.

No último capítulo a autora faz a conclusão e agradecimentos finais, explicando sucintamente as partes do livro, o conteúdo e o motivo pelo qual organizou o documentário. O livro em si é marcado pela presença de fotografias, organizadas e catalogadas uma a uma. O caráter literário, recheado de poesias e poemas traça um perfil da escritora, que era também

²² Hoje, desativado, nele funcionando a Escola Municipal Clívia Marinho Lopes.

poetisa. A obra prima pela organização documental, pelo caráter histórico e memorialista, registrando vários acontecimentos da cidade de Carnaúba dos Dantas.

Na conclusão, Donatilla Dantas comenta que à elaboração do livro seguiu-se uma idéia baseada na ordem da verdade, justiça, amor, ideal, esperança, trabalho e reconhecimento dos que contribuíram a Carnaúba dos Dantas. Com relação ao conteúdo do livro, destaca os capítulos dedicados à inauguração do Cruzeiro do Monte do Galo, do qual lhe inspirou a capa do livro, elaborada pela sobrinha Andréa Calheiros, sendo um desenho feito a partir de registro fotográfico da Banda de Música do ano de 1928. Porém, o capítulo tido como o mais importante é o VII, “Homenagem cívico-religiosa em memória a Caetano Dantas Correa”, no qual se observamos a preocupação da escritora com as tradições do povo carnaubense.

A obra descreve os feitos dos grandes homens, políticos, prefeitos, pessoas ilustres, exaltando as figuras ilustres do lugar, seus fundadores e personalidades, mas contraditoriamente, em alguns momentos, faz menção a personagens comuns, pois estes também constroem a história, segundo o que podemos depreender da análise do livro. Outro ponto importante é o uso das fontes. Observamos a utilização de documentos ditos oficiais, a exemplo das atas, ofícios e leis, bem como faz questão de usar outras menos convencionais, como fotografias, cartas e partituras. Desta forma, podemos afirmar que, na obra da autora, fica evidenciada influência da Escola Metódica ou Positivista, mesmo que inconscientemente, assim como da Escola dos Annales, uma vez que a “Nova História” procurou,

[...] expandir o campo da história por diversas áreas. [...] abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las.²³

A idéia principal foi a de enfatizar o valor da memória, da preservação das tradições e, ainda, despertar o interesse das novas gerações pela “MEMÓRIA NÃO SÓ CARNAUBENSE, COMO SERIDOENSE.”²⁴ Por tal motivo, a partir de 1982 iniciou o trabalho de organizar todo o acervo documental, inserindo um pouco de suas memórias no documentário.

²³ BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia*, p. 89.

²⁴ DANTAS, Donatilla. Op cit. Cap. 17 - Conclusão e agradecimentos.

A Biblioteca que fundou em 1947 é a sua obra maior, presente em todas as memórias, e que acabou se tornando personagem principal do livro que coordenou. Esta Casa de Cultura nasceu, foi divulgada e incentivada durante a permanência de mais de 30 anos no TSE, e por tal motivo, convocou alguns contemporâneos de trabalho para participar do documentário, através da tônica do livro, a Biblioteca. Como bem deixou explícita, a inserção do TSE e de seus componentes no documentário foi uma forma de homenageá-los.

1.2 Poesia e amor à terra carnaubense

Donatilla Dantas foi uma escritora que nasceu em 30 de junho de 1913 no Sítio Xiquexique, município de Carnaúba dos Dantas-RN, sendo filha de Cassimiro Alberto Dantas e Maria Isabel de Araújo, faleceu em 19 de fevereiro de 1994 em Brasília. Viveu a maior parte da sua infância em João Pessoa/PB e Recife/PE, ficou órfã de pai muito cedo e aos cinco anos de idade foi morar com a irmã de seu padrasto Antonio Zuca, conhecida como Joana Zuca em Nova Cruz-RN, nas mãos de quem passou horríveis sofrimentos. Fugiu de casa e passou certo tempo como menina de rua, isto já em João Pessoa/PB, quando foi acolhida pela família Viana Costa, por quem foi criada. Aos doze anos de idade começou a escrever poemas e publicou os primeiros trabalhos no jornal "A Pátria". Em 1942 foi admitida através de concurso público para o cargo de escriturário do Ministério da Justiça. A carreira no serviço público teve seu ápice quando exerceu a chefia do Serviço de Comunicações do TSE, atuando também como Secretária do Presidente, Ministro Antônio Carlos Lafayette de Andrada.

Passou parte da maturidade no Rio de Janeiro onde contraiu casamento em 1949 com Jorge Farriá Júnior. Contudo, não teve sorte no matrimônio e desquitou-se em 1953, tal acontecimento marcou profundamente sua vida, pois relata na obra, que o casamento fora o momento mais esplendoroso de sua vida. Trabalhou mais de 30 anos no TSE em Brasília, de onde idealizou a biblioteca que fundou em 21 de dezembro de 1947 o que representou um importante marco na história da então Vila Carnaúba, tratava-se da segunda casa de cultura oficial, destinada a formar leitores e cultores do saber. Donatilla ainda contribuiu com o projeto do Horto Florestal, a estrada de rodagem Carnaúba-Picuí e o Hino a cidade de Carnaúba dos Dantas.

É a partir da leitura e análise dos documentos contidos no livro *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, de Donatilla Dantas que estruturamos os capítulos posteriores.

2 OS PRIMEIROS ACORDES. CARNAÚBA DOS DANTAS: TERRA DA MÚSICA?

Em carnaúba dos Dantas a música é como um rio, ninguém segura! A banda é um símbolo municipal, pertence ao povo, resiste a tudo, ninguém segura. (Francisco José Marinho - Presidente da Federação de Bandas do RN)

Carnaúba dos Dantas, cidade situada no sertão do Rio Grande do Norte, que é conhecida, popularmente, como a *Terra da Música*, título reconhecido em praticamente todos os lugares circunvizinhos, dada uma certa vocação para a música que, historicamente, vem sendo cultivada nas terras banhadas pelo rio Carnaúba. Essa vocação para a arte musical, desde, pelo menos os anos 80 do século XIX, confere o título citado a Carnaúba dos Dantas e, além disso, contribui para que os moradores do lugar continuem abraçando, mesmo na contemporaneidade, a música como arte. Partindo dessa premissa, interessa-nos, neste capítulo, contribuir para a discussão sobre a origem desse título. Particularmente, é nosso objetivo discutir quais as representações acerca da relação entre Carnaúba dos Dantas e o título de Terra da Música presentes nos discursos escritos da obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, organizada pela poetisa e escritora Donatilla Dantas.

Relacionaremos os discursos contidos na obra, com as proposições de representação a partir da problematização de Roger Chartier, para quem:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.²⁵

Chartier, assim, aborda a questão das representações como um conjunto de percepções do tecido social, sendo estes esquemas geradores de classificações e percepções próprios de cada grupo, construídos em contraposição uns aos outros. Essas representações tendem a

²⁵ CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 16.

produzir estratégias e práticas que tentam impor uma autoridade, legitimar um projeto ou justificar condutas, sendo matrizes de discursos e práticas. Desta forma, podemos relacionar essa colocação teórica com os diferentes discursos que estão presentes na obra da escritora e poetisa Donatilla Dantas, *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, acerca da atividade musical em Carnaúba dos Dantas. Uma vez que, tais discursos procuram enaltecer e deixar evidente as qualidades musicais dos músicos e compositores carnaubenses em contraposição a uma realidade, que por vezes dificultaria ou, até mesmo impossibilitariam o fazer musical.

O livro *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música* apresenta uma carta do maestro Felinto Lúcio Dantas, datada de 12 de setembro de 1982, intitulada de “Iace a música na terra de Tonheca Dantas”, documento revelador, na qual o músico e compositor relata por meio da tradição oral, o nascimento da música em Carnaúba dos Dantas. Segundo Felinto Lúcio, tudo o que se sabe acerca da música, foi obtido através da “tradição sertaneja”, e que o “decano” da música em Carnaúba foi José Venâncio Dantas, irmão mais velho de Tonheca Dantas, outro músico e compositor. José Venâncio teria ensinado música a todos os componentes da pequena banda que fundara, inclusive a seu irmão Tonheca Dantas, seu sobrinho Pedro Arboés Dantas (Pedrinho) e seus primos Felinto e Pedro Lúcio Dantas, isto nas primeiras décadas do século XX. Felinto Lúcio declara que esta banda teria se tornado “boa, talvez entre os anos de 1880 a 1890 ou mais” e que José Alberto Dantas, assumiu o posto de regente da banda, após a sua saída, “talvez em idos de 1900 a 1906.”²⁶

A partir da leitura desta carta, podemos encontrar vestígios que contribuem para reconstituição histórica do surgimento da atividade musical em Carnaúba dos Dantas, além de nomes de pessoas, como Tonheca Dantas e José Venâncio Dantas, que contribuíram para a criação e posterior manutenção desta arte. A citação de nomes e o aspecto religioso empregado na tessitura da carta ficam evidentes nas passagens:

[...] houve vários músicos de alta categoria, como por exemplo: os irmãos, Enéas Hipólito Dantas e Manoel Hipólito Dantas Filho (Fumaça) os quais foram dois gigantes carnaubenses da arte de Santa Cecília. [...] seu velho tio José Alberto Dantas, professor de música, fundou uma banda, também era compositor. Conheci de sua autoria uma missa e um Tantum Ergo, ele regia e cantava música sacra. [...]²⁷

²⁶ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 2 – 6.

²⁷ Ibid. Cap. 2 – 6. Grifo nosso.

A referência a Santa Cecília, santa cristã e padroeira dos músicos, nos revela o homem espiritual e devoto da religião católica que era o músico e maestro Felinto Lúcio Dantas. A designação de pessoas que tiveram envolvimento com a atividade musical em Carnaúba dos Dantas nos leva a quantificar e qualificar, a partir do que fora citado na carta, o número considerável de músicos, bem como o grau de parentesco existente entre os mesmos na referida cidade.

A partir das considerações tecidas acima, podemos vislumbrar que a segunda metade do século XIX viu nascerem no Seridó norte-rio-grandense, em pleno semi-árido nordestino, os primeiros acordes sonoros, a sua música harmoniosa e conseqüentemente às primeiras bandas de música, a forma mais expressiva da arte musical, seja no interior, ou até mesmo em algumas cidades, isto, em contraste com uma economia centrada na agricultura algodoeira e na pecuária, estabelecendo-se uma rica tradição musical, de influência européia, com raiz mais erudita do que popular. Difundindo-se como uma arte e não como um ofício, o que de certa forma demonstrá a vocação para a arte musical, pois mesmo diante das dificuldades encontradas no dia-a-dia das pessoas que ali viviam, a atividade musical desenvolveu-se, mantendo-se viva até os dias atuais a tradição das bandas de música no Seridó potiguar.

Segundo Paulo Marcelo Marcelino Cardôso, a primeira Banda de Música que se tem registro no Seridó é a da antiga Vila do Jardim (hoje, Jardim do Seridó), atualmente denominada Euterpe Jardinense:

O mestre compositor Jaime Brito, em seus levantamentos históricos, afirma que existiu no município de Jardim do Seridó, em 1859, uma Banda de Música de nove componentes fundada pelo coronel da Guarda Nacional Ildefonso de Oliveira Azevedo.²⁸

Outras bandas vieram a surgir no Seridó, em cidades como Cidade do Príncipe (hoje Caicó) em 1870, e na Vila do Acari, que por volta de 1880, o regente Manuel Bezerra de Araújo Galvão, do Ingá, mantinha, com cerca de dez a vinte componentes a banda que tocava no coro da igreja Nossa Senhora da Guia.

Um dado importante nos leva a pensar sobre a atividade musical no Seridó potiguar, pois numa sociedade marcadamente agrária, como podemos observar pelo recenseamento

²⁸ CARDÔSO, Paulo Marcelo Marcelino. *Lourival Cavalcanti e o Universo das Bandas de Música*. p. 26.

geral do Brasil Império de 1872²⁹, no qual constam 5180 lavradores e mais 1700 criados e jornaleiros, encontramos um total de 37 artistas, no município de Acary, do qual sítio Carnaúba de Cima estava inserido, como distrito administrativo. Outro ponto meritório é o fato de que José Venâncio Dantas, mestre de banda do Vale do Rio Carnaúba, em 1889, ao registrar no Cartório de Acari o sepultamento de um de seus filhos, aquele por sua vez, é citado no registro com a qualificação de artista, corroborando com a tese de que a música já fazia parte do cotidiano e da sociedade seridoense, nos fins do século XIX.

O historiador Cláudio Galvão, no livro “A Desfolhar Saudades, uma biografia de Tonheca Dantas”, deduz que por volta de 1880, Carnaúba dos Dantas já era tida como “uma cidade de músicos”, ao transcrever uma conversa entre Tonheca Dantas e o seu pai, o Tenente-Coronel João José Dantas, na qual o genitor, não aprovando que o filho seguisse a carreira musical, argumentara: “se a música desse camisa a cristão, Carnaúba dos Dantas seria as minas do rei Salomão”³⁰

O jornalista Otávio Pinto em 1930, assim descreve Carnaúba dos Dantas:

Carnaúba é a cidade da música, quase todos os carnaubenses são músicos; é uma coisa congênita do povo. A terra dos instrumentos e da alegria. Há uma harmoniosa banda de música e quase todas as suas peças, são compostas pelo regente da mesma. Carnaúba tem dado uma infinidade de músicos, e a arte é, para os carnaubenses, uma arte divinizada, um ideal sublime, uma espécie de religião à Deusa Euterpe.³¹

Ademais, três pontos são importantes na história das bandas de música, ambos os pontos provenientes da influência musical européia, primeiramente, a disseminação das danças de salão que saíram da Europa na década de 1840 e se tornou uma febre mundial, como a valsa, a polca, a mazurca e o schottisch, que foram tão importantes para a história da música brasileira, e mais especificamente para a música na região Nordeste e no Seridó potiguar. O segundo ponto é o caráter erudito das composições, provindo dos hinos religiosos da igreja católico-romana, devidamente caracterizada pelos seus estilos, harmonias e gêneros

²⁹Conforme recenseamento geral do Brasil Império de 1872, Disponível em <<http://www.cebrap.org.br/index.asp?Fuseaction=Conteudo&Menu=486,0,0,0&ParentID=486>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

³⁰ GALVÃO, Cláudio. *A Desfolhar Saudades, uma biografia de Tonheca Dantas*, p. 32.

³¹ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 2 – A musicologia carnaubense.

presentes nas marchas, hinos e obras sacras. O terceiro e último ponto é a importância das organizações militares, pois foram os militares que formaram as primeiras bandas de música, das quais as bandas de música do Seridó herdaram o fardamento, geralmente composto de calça, camisa, sapatos, fivela e quepe, a formação, pois geralmente, marcha-se ao som de um dobrado e conforme uma específica disciplina determinada pelo mestre da banda, além do caráter solene e rigidez peculiar das solenidades militares.

A fotografia da banda de música de Carnaúba dos Dantas em 1928 (Fig. 1) nos dá uma idéia a respeito destas considerações acerca da influência militar:



Fig. 1 Banda de Música da Povoação de Carnaúba (1928). Acervo da Fundação Cultural e Educativa

Podemos perceber os trajes militares como: o coturno, a calça e a camisa estilo gandola, bem como o quepe, traços tão marcantes, que persistem até os dias atuais nas bandas de música do Seridó.

Dentre estes pontos, o fator religioso na formação e desenvolvimento das bandas de música no Seridó potiguar é de importância inquestionável. Visto que a sua chegada, nessa

região, está intimamente ligada à influência da religião católica, “pois os padres que estudavam no antigo Recife, e que tiveram como destino as terras do sertão do Rio Grande do Norte, continham em suas grades de formação a disciplina Música”³². A arte musical foi, assim, transmitida pelos sacerdotes aos moradores do Sertão do Seridó. Não podemos esquecer-nos de mensurar que todas as cidades realizam festejos religiosos em louvor aos(as) padroeiros(as) e a tríade identitária destas festas é composta pelas seguintes partes fundamentais: o novenário, o parque de diversões e a banda de música, ou seja, o cenário musical da festa torna-se completo quando da presença e apresentação das bandas de música.

No livro *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*, o bispo D. José Adelino Dantas, que era músico e primo da escritora Donatilla Dantas, remete-se à Carnaúba dos Dantas e sua música, afirmando que “Uma cidade sem banda é uma banda de cidade”. Foi o idealizador da Banda de Música “Governador Tarcísio Maia”, fundada em 1979, em Carnaúba dos Dantas, mas sua obra maior se deu na vida sacerdotal, exercendo o cargo de Bispo das Dioceses de Caicó, Garanhuns, em Pernambuco e Rui Barbosa, na Bahia. Pertenceu à Academia Nortero-grandense de Letras, foi professor do Atheneu Nortero-grandense e professor assistente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicou três livros: *A Formação do Seminarista* (1947), *Homens e fatos do Seridó Antigo* (1962) e *O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correa – Um inventário revelando um homem* (1977). Quando residiu em São Paulo do Potengi, participou da Banda de Música, Filarmônica 22 de Setembro, tocando pistom, juntamente com o irmão Pedro Adelino e o seu cunhado Ademar de Azevedo Maia.

Todos os discursos escritos por D. Adelino Dantas, e que se referem à música em Carnaúba dos Dantas, contidos na obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, são de exaltação às qualidades musicais dos músicos carnaubenses, com destaque para Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas. O apego às tradições seridoenses fica bastante evidenciado quando das escrituras de livros, como; *Homens e fatos do Seridó Antigo* e *O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correa – Um inventário revelando um homem*. Ou seja, D. Adelino Dantas é um cultor fiel da memória seridoense, resgatando a história de homens ilustres, de acontecimentos e fatos que estejam permeados de memorialismo e tradicionalismo no Seridó e em Carnaúba dos Dantas. Numa carta, transcrita no livro, D. Adelino retrata suas impressões acerca da atual situação da música em Carnaúba dos Dantas, isto em 1980, bem

³² MEDEIROS, Anna Jacinta Dantas de; MEDEIROS, Márcio Dantas de. Carnaúba dos Dantas: A melodia dos casos e descasos da terra da música. *Mneme – Revista de Humanidades*, n. 18, v. 7, out./nov. 2005. p. 2. Disponível em <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/resumo.php?atual=176&edicao=18>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

como da preocupação em preservar a memória carnaubense, uma vez que estava presenciando o rompimento das tradições que tanto cultuava:

Faz pena a Carnaúba de hoje, que não é mais a Carnaúba dos seus e meus maiores. Eles não valem mais nada por aqui e nem sequer são mais lembrados, por ninguém. Hoje, o que vale por aqui são os forrós e as poluições sonoras dos infernais ditos “conjuntos musicais”, portadores de uma música, que nada tem de comum com as músicas de Tonheca Dantas e de Felinto Lúcio. Fique por aí mesmo, bem longe. Não caia na tentação, como eu caí, de retornar a uma terra, onde moral, família, tradição, arte e inteligência, noutras eras, valiam alguma coisa. [...] ³³

Observamos que D. Adelino Dantas tinha uma postura conservadora e extremamente exaltacionista com relação à música em Carnaúba dos Dantas, tendo como foco central a valorização do passado, entendido como tradição. As idéias acerca da música carnaubense estão voltadas para preservação das composições que tivessem ligação com os dobrados, valsas, marchas e hinos, que em outrora eram executados por Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas nas antigas bandas de música.

O saudosismo e a nostalgia se fazem presentes no artigo do Desembargador Silvino Bezerra Neto, quando dos relatos acerca da sua convivência com o músico Tonheca Dantas no ano de 1900, em Natal. Reafirmando o que fora dito anteriormente por Felinto Lúcio Dantas, Silvino Bezerra refere-se a uma banda de música regida pelo mestre José Venâncio Dantas, da qual Tonheca Dantas participara.

E relatando suas memórias acerca de Carnaúba dos Dantas, bem como do povo que lá residiam, Silvino Bezerra afirma que,

Na minha infância longínqua a música de Carnaúba, terra lendária de sertanejos de virtudes excepcionais, era um encanto para mim e para os adolescentes meus contemporâneos, e hoje, na memoração do nonagésimo quinto aniversário natalício do pranteado e grande compositor patricio Tonheca Dantas, evocando episódios de sua vida, as tocatas harmoniosas da banda de José Venâncio, de que foi ele componente,

³³ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 3 – f – 50 – h – Doadores e agradecimentos.

lembrando as características da fibra de um povo cheio de virtudes, o faço como que matando saudades do passado, como real consolação.³⁴

A erudição do Desembargador Silvino Bezerra, que era sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), e também foi procurador do Estado, juiz de direito de Mossoró, Nova Cruz, Acari e Caicó, fica bastante evidente no trecho acima, a relação direta com o músico e compositor Tonheca Dantas e com Carnaúba dos Dantas, faz com que o discurso seja repleto de um sentimento de pertencimento. É interessante notar como nesse discurso proferido por Silvino o elemento da memória individual está presente. A terra de seus pais e avós traz a lembrança da infância de menino sertanejo, de sua identidade familiar e sentimental com aquela região seridoense. A admiração, retratada na infância pela música carnaubense é latente, nos levando a creditar um valor muito maior do que geralmente nos propomos a ter com relação às bandas de música no Seridó. Visto que, desempenham um importante papel social nas pequenas cidades do interior, agregando jovens e adultos de todas as idades, oferecendo-lhes instrução musical prática, ao mesmo tempo em que inculca no espírito o senso de responsabilidade, orgulho e trabalho de equipe.

A pesquisa realizada por Sônia Maria Dantas, que era prima, e afilhada de Donatilla Dantas, sobre a banda de música de 1928, da qual teria suscitado a inspiração da capa do livro *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, procurou resgatar os integrantes da referida banda, relacionando-os com os atuais músicos da banda de música “Governador Tarcísio Maia”, isto em 1982. O objetivo de Sônia Dantas era demonstrar, que apesar do tempo e das dificuldades encontradas para a manutenção de uma banda de música no município, Carnaúba dos Dantas continuava sendo o berço de músicos. Senão, vejamos um trecho da carta remetida à escritora Donatilla Dantas informando os resultados da pesquisa que fora realizada através de relatos orais na comunidade carnaubense:

O povo carnaubense, apesar de sofrido e viver basicamente da lavoura, vem demonstrando através dos tempos e das gerações que a poesia, a musicalidade e a

³⁴ Ibid. Cap. 5 – 4 – 7 – Alguns benfeitores de Carnaúba dos Dantas (RN). Artigo lido durante a sessão solene do IHGRN, quando da comemoração do 95º aniversário de nascimento do compositor Antonio Pedro Dantas (Tonheca Dantas) em 31 de julho de 1965.

inteligência também habita no interior de sua gente e vai passando de pai para filho sucessivamente³⁵

A Banda de Música Governador Tarcísio Maia possuía em sua formação em 1982, seis integrantes que descendiam diretamente da citada banda de música de 1928. E como já fora mencionado anteriormente, foi somente no final da década de 1970, graças aos esforços de Dom José Adelino Dantas, do maestro e compositor Felinto Lúcio Dantas e do prefeito Valdemar Cândido de Medeiros, que a Banda de Música Governador Tarcísio Maia entrou em atividade. O nome da banda é uma homenagem ao então governador do estado do Rio Grande do Norte, que fez a doação dos instrumentos musicais. A criação da mesma foi legitimada pela Lei Municipal nº 195/79, de 05 de março de 1979.

A fotografia da Banda de Música Governador Tarcísio Maia em 1979 (Fig. 2), a época composta de 28 executantes musicais e que na sua maioria eram adolescentes, estudantes da Escola Estadual “João Henrique Dantas”.



Fig. 2 Banda de Música Governador Tarcísio Maia (1979). Acervo da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro

³⁵ Ibid. Cap. 2 – A musicologia carnaubense.

A banda, mostrada acima, chamada carinhosamente por Donatilla Dantas e D. José Adelino Dantas, de “mimosa bandinha”, nos revela algumas características herdadas das bandas de música de Carnaúba dos Dantas do início do século XX. Como as vestimentas que continuaram a ter a formalidade das organizações militares e a relação com as atividades religiosas de Carnaúba dos Dantas. Podemos observar ainda na fotografia a presença do maestro Felinto Lúcio Dantas, (de pé com camisa azul) de D. José Adelino Dantas e do regente da Banda, Francisco das Chagas Silva (Pinta) sentado a frente, presentes no interior da igreja de Nossa Senhora das Vitórias:

Essa Banda perdura até os dias atuais, tendo tido como regentes, Francisco das Chagas Silva (Pinta), que regeu o corpo de músicos da criação até sua aposentadoria (1994); Carlos Guedes Câmara (neto do maestro e compositor Felinto Lúcio Dantas), de 1994 até o início de 1996; Francisco Rafael Dantas (França), discípulo de Felinto Lúcio, de 1996 a 2000 e Márcio Dantas de Medeiros (bisneto de José Alberto Dantas), em 2001. Nesse ano houve a criação da Associação Musical e Cultural Onze de Dezembro, em 28 de Julho, e a Banda de Música Governador Tarcísio Maia passou a denominar-se Filarmônica Onze de Dezembro, em homenagem à data de emancipação política do município.

A Banda de Música tem uma importância relevante em Carnaúba dos Dantas, pois apresenta pelo menos três funções no meio em que atua: comunitária, pedagógica e de preservação do patrimônio cultural. Primeiro, ela está presente nos momentos mais significativos da comunidade, traduzindo sua emoção e valorizando seus rituais, sejam nas festas de padroeiras, procissões, alvoradas e festividades profanas, fundindo-se com a história da cidade e despertando sentimentos coletivos. Segundo, que a manutenção de escolas livres de música, geralmente só é possível quando da presença da banda de música nas cidades, estas escolas, por sua vez, permitem a iniciação musical e posterior desenvolvimento das vocações de seus integrantes e formação de futuros quadros, revelando inúmeros talentos. É um notável exemplo de educação não-formal, conduzindo muitos jovens à profissionalização em bandas militares, orquestras sinfônicas ou conjuntos populares. A terceira função é que a Banda de Música torna-se um bem cultural que recebemos de outras gerações e que contribuem para a formação da identidade de grupos e categorias sociais. Fazem parte da memória coletiva e, como tal, permitem estabelecer elos de pertencimento com os antepassados.³⁶

³⁶ Sobre as funções da banda de música na sociedade, ver mais em: HIGINO, Elizete. *Um século de tradição: a Banda de Música do colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988)*, p. 16.

Os discursos contidos no livro em questão, da escritora e poetisa Donatilla Dantas, nos revelam informações que contribuem para a tão pouco estudada história da música no Seridó norte-rio-grandense, resgatando os dois grandes músicos carnaubenses: Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas. As declarações de Donatilla Dantas, não diferem dos demais discursos encontrados ao longo do livro organizado por ela. As impressões acerca da música em Carnaúba dos Dantas são parafraseadas com muita poesia e conhecimento da música erudita, como podemos observar no trecho a seguir:

A música do compositor FELINTO LÚCIO DANTAS pela energia criadora, lembramos um WAGNER: pelo dom da melodia, um SCHUBERT: pelo romantismo um DEBUSY, ou LISZT: pelos vãos da inspiração musical, um ROSSINI, pela paixão pela música, um VERDI: pela harmonia um BACH; pela força de sentimento, um BERLIOZ: pela incomparável expressão, um BEETHOVEN. Isso falando de suas MÚSICAS SACRAS que são executadas no VATICANO, porque nas suas músicas populares, onde expressa a alma carnaubense, para mim, ele é o GRIEG SERIDOENSE.³⁷

Notamos o conhecimento apurado de Donatilla, a respeito da música clássica europeia e de seus principais representantes. Portadora de uma veia poética refinada, as palavras acerca da música em Carnaúba dos Dantas, estão cheias de enaltecimento e exaltação aos músicos maiores dos Dantas de Carnaúba. A relação de parentesco também justifica suas palavras ao longo de todo o volumoso livro, que reconhecidamente é um objeto cultural, e ao ser escrito pela escritora mencionada, esta por sua vez, torna-se uma produtora cultural, constituindo-se em uma das muitas práticas culturais possíveis, e que segundo o historiador José D'Assunção Barros seriam, “[...] realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as práticas discursivas como as práticas não-discursivas.”³⁸ Toda prática cultural, como a elaboração do livro, bem como dos discursos contidos nele, geram conseqüentemente uma representação acerca da realidade, motivada e moldada à visão individual de cada um.

³⁷ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 12 – 6 – A música do hino a Carnaúba dos Dantas e o maestro Felinto Lúcio Dantas.

³⁸ BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História. Especialidades e abordagens*, p. 59.

De certa forma, estas representações apresentadas ao longo deste capítulo acerca da música em Carnaúba dos Dantas, são motivadas por interesses múltiplos, já que os discursos que constroem determinadas percepções do social não são neutros, implicando na construção das representações pelos grupos a respeito deles próprios e dos outros. Assim, nessa linha de raciocínio, os principais narradores que tratam da música em Carnaúba dos Dantas e que estão presentes na obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, carregam um traço comum, o de valorizar e enaltecer a cultura musical, desconsiderando todas as dificuldades evidentes no Seridó potiguar, naqueles recuados fins do século XIX e durante todo o século XX, como os longos períodos de seca, a necessidade primeira de trabalhar na agricultura, e a falta de apoio por parte dos governantes. Podemos relacionar isso à definição de Roger Chartier a respeito das percepções do social:

As percepções do social não são de forma alguma neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e competições [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus [...].³⁹

A tônica dos discursos presentes na obra analisada aqui é de exaltação e enaltecimento das qualidades musicais dos grandes vultos da música carnaubense, destacando sempre Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas. Tais impressões estão pautadas na relação de parentesco, o que nos leva a perceber um discurso centrado num ideal de pertencimento destes narradores, sempre evocando a tradição como forma de justificar suas percepções acerca da atividade musical em Carnaúba dos Dantas.

³⁹ CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 17.

2.1 Composição e repertório: um breve comentário acerca do contexto histórico do Seridó norte-rio-grandense no final do século XIX, berço de nascimento de Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas.

Podemos ainda vislumbrar o cenário na qual a música emerge no Seridó e em Carnaúba dos Dantas. Observando que a história do desenvolvimento e formação de Bandas de Músicas, em face à complexidade estrutural, está nitidamente associada a uma relação de dependência econômica. Geralmente o seu florescimento ocorreu em cidades com suporte econômico, tendo sido essa atividade musical mantida por prefeituras locais, instituições religiosas, militares e segmentos sociais abastados.

Neste contexto, podemos inserir o Seridó potiguar dentro de um panorama econômico e político que de certa forma impossibilitariam a atividade musical, o que de fato não ocorreu. Mesmo na emergência da seca, comum ao interior nordestino, impondo uma vida de carência material e cultural, no caso do Seridó norte-rio-grandense, parecia haver um clima propício para que as pessoas fossem elas, adolescentes, jovens ou adultos procurassem na música um meio de elevação espiritual, elevação essa que emana da própria música.

O período de surgimento das primeiras Bandas de Música na região do Seridó, ou seja, a segunda metade do século XIX é marcada pela atividade da agropecuária que era de certa forma uma atividade atrativa. Conforme nos atesta Muirakytan Macêdo “[...] pois ao contrário do que ocorria com a açucareira, a economia criatória não dependia de gastos monetários no processo de reposição do capital e de expansão da capacidade produtiva.”⁴⁰ A mão-de-obra empregada na atividade pastoril não era um problema maior, exigia-se um pequeno contingente de homens livres pobres e escravos - grosso modo um vaqueiro para 250 cabeças. Ademais, havia algum atrativo para aqueles: um quarto do rebanho, na apartação do rebanho do proprietário, seria dele.

Com a eclosão da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, na década de 1860, que teve como consequência uma interrupção das exportações americanas do algodão para o mercado europeu, o Seridó entra no cenário econômico local e nacional, impulsionando o seu desenvolvimento. Referindo-se a expansão desta atividade, Denise Mattos Monteiro afirma que a cotonicultura recebeu um novo estímulo:

⁴⁰ MACÊDO. Muirakytan K. de. História e Espaço seridoense entre os séculos XVII e XIX. *Mneme – Revista de Humanidades*, p. 2. Disponível em < <http://www.seol.com.br/mneme/> >. Acesso em: 14 set. 2007.

[...] os algodoads se espalharam rapidamente por diferentes províncias, permitindo um segundo grande surto exportador de algodão pelo país e consolidando essa lavoura como uma atividade agrícola dessa região e de grande importância, particularmente no Rio Grande do Norte.⁴¹

O algodão torna-se o principal produto econômico do Rio Grande do Norte e do Seridó concorrendo diretamente com o açúcar em termos de exportação para o mercado internacional. O sertão agrário que não cultivava a cana-de-açúcar iria sendo ocupado, em detrimento da pecuária que ocupava majoritariamente as terras, pelas atividades da cotonicultura.

Mais adiante, a partir de fins do século XIX, embora nunca tivesse interrompido de todo a demanda externa, o algodão passou a ser escoado para a crescente indústria têxtil brasileira, garantindo a permanência da cotonicultura na economia nordestina.

O sistema coronelista e oligárquico tornou-se vigente nos primeiros momentos da República brasileira, o Seridó potiguar, não seguia diferente caminho. A transição da Monarquia para República transformou o cenário político do Brasil, introduzindo mecanismos eleitorais, como o “voto de cabresto”, que passaram a ser utilizados para a manutenção e monopólio do poder político e econômico. Os grandes proprietários rurais, os “coronéis”, financiavam e controlavam em seus municípios, os votos da massa de eleitores, que nem sempre eram alfabetizadas, como exigia a primeira Constituição da República, de 1891.

A formação dos “currais eleitorais” possibilitava a permanência de uma oligarquia no poder estadual, desta forma, os coronéis que controlavam os currais eleitorais, recebiam em troca da oligarquia vencedora empregos e verbas públicas para o município ou para a região de influência dos mesmos. O clientelismo algo extremamente presente na sociedade seridoense, se caracterizava pela troca de favores, através da qual bens públicos eram apropriados por indivíduos ou grupos. Foi por meio desta estratégia que o músico Tonheca Dantas, conseguiu ingressar na Banda de Música do Batalhão de Segurança em Natal no ano de 1898.

Grande parcela da população brasileira se concentrava nas zonas rurais, onde predominava o latifúndio nas mãos dos coronéis e fazendeiros. As precárias condições de vida e trabalho no campo, o sistema de comunicação frágil, contribuíam para o estabelecimento de

⁴¹ MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*, p. 166-167.

relações familiares e de compadrio, incentivando atitudes bairristas. Diante de todas essas dificuldades, a atividade musical no Seridó potiguar engendrava seus primeiros acordes, e de uma forma ou de outra, criava uma perspectiva para as pessoas que ali viviam pudessem encontrar uma oportunidade de desenvolver habilidades e competências a partir da música. É importante frisar que as mãos que primeiro executaram os instrumentos, em Carnaúba dos Dantas eram as mesmas mãos que plantavam feijão, milho e algodão.

É neste Seridó que nascem os dois grandes músicos de Carnaúba dos Dantas, Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas, tão aclamados na obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, da escritora Donatilla Dantas.

3 AS MELODIAS DO PASSADO CARNAUBENSE: TONHECA DANTAS E FELINTO LÚCIO, DOIS MÚSICOS, DUAS HISTÓRIAS

3.1 Uma valsa que atravessa o século: a genialidade de Tonheca Dantas

Dentre os vários textos encartados na obra da escritora e poetisa Donatilla Dantas, podemos observar um considerável número de informações acerca da história da cultura musical de Carnaúba dos Dantas. Dois personagens têm destaque, Antônio Pedro Dantas (Tonheca) e Felinto Lúcio Dantas, ambos foram músicos, maestros e compositores.

No quinto capítulo do livro, *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, encontramos a transcrição de um artigo de autoria do Desembargador Silvino Bezerra Neto, retirado da revista do IHGRN, datado de 31 de julho de 1965, que fora lido durante a sessão comemorativa do 95º aniversário do nascimento de Tonheca Dantas. Tal documento nos revela acontecimentos e fatos da vida do músico e da música no Seridó. O grande maestro e compositor Antônio Pedro Dantas nasceu no dia 13 de junho de 1870, no sítio Carnaúba de Baixo. Vindo de uma família tradicionalmente ligada a música, como atesta Silvino Bezerra, que chegou a conhecer a Banda de Música (1893 - 1900), também conhecida como charanga⁴² de José Venâncio Dantas (1854 - 1926). Essa Banda era contratada todos os anos para tocar nos ofícios religiosos da festa de Nossa Senhora da Guia, Padroeira da cidade de Acari, além de recepcionar autoridades e visitantes importantes, nos festejos escolares, em casamentos de pessoas abastadas, no acompanhamento de dramas, comédias e circos. Neste ínterim, Tonheca já se destacara como o músico mais competente e talentoso deste conjunto, ganhando a admiração de todos que lhe ouviam.

Sua infância fora marcada pelo trabalho árduo na agricultura, tendo uma educação mínima proporcionada pelo meio em que vivia, contudo sempre rodeado de músicos, quais eram seus irmãos. Quando criança teve contato com as flautinhas de taboca, feitas de varas de bambu, compradas na feira da Vila de Acari, passando posteriormente ao clarinete, em seguida ao saxofone, ambos os instrumentos de palheta, culminando com os instrumentos de bocal, a exemplo do pistom, trombone e bombardino. Até mesmo a obstinada flauta cedeu à sua curiosidade de instrumentista virtuoso, prolífico e diversificado.

⁴² Antiga banda militar formada principalmente por instrumentos de metal, com ou sem os de percussão.

Silvino Bezerra rememora no artigo, que Tonheca foi seu professor de música, isto antes de 1900, neste período ele é chamado para organizar uma banda em Acari, passando de instrumentista a mestre. Porém, o fim do ano de 1897 foi marcado por terrível seca, e a municipalidade não tinha verbas para manter a banda recém formada, provocando o êxodo dos músicos que nela atuavam. Tal atitude era tomada por uma parcela considerável da população rural no Rio Grande do Norte, como atesta Monteiro,

A fome, somada às secas freqüentes, e às epidemias, respondiam por uma corrente de êxodo rural permanente, que continuava a se dirigir para os seringais da Amazônia e, também para os cafezais do Sudeste do país. A partir da seca de 1904, era o próprio governo federal, quem fornecia as passagens para os milhares de migrantes.⁴³

Em pouco tempo, Tonheca Dantas chega a Natal, passa um curto período, vai para a Paraíba e, parece que seguindo a grande massa de migrantes, segue para o Norte em busca de melhores tempos.

Amargurado após o fim do seu primeiro casamento com a senhora Rosa de Lima, com quem teve uma filha de nome Auta. A dificuldade econômica e conjugal o levou a Natal, para tentar a sorte. E por intermédio do amigo e compadre Manoel Augusto Bezerra de Araújo Galvão, deputado estadual e pai do futuro Desembargador Silvino Bezerra, havia sido aluno de flauta, falou a respeito do músico carnaubense com o governador Ferreira Chaves (1852 - 1937), que governava o Estado desde 1896.

Em 1898, Tonheca chegava à cidade do Natal para se submeter a um concurso para mestre da banda do Batalhão de Segurança, como era conhecida àquela época a atual Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Então comandada pelo coronel Manoel Lins Caldas Sobrinho (1854 - 1921), que esteve na função entre os anos de 1895 a 1913.

O resultado do concurso foi surpreendente, como atesta Silvino Bezerra em um soneto:

É história sem malícia: / Vieram lá do sertão / Músicos com pistolão / Sentar praça na
polícia / Circunstância bem propícia / P'ra ter uma consolação / Há vaga⁴⁴ de mestre,
então, / Na música da Milícia. / Quem tiver mais competência, / Disse ao Caldas, Dr.

⁴³ MONTEIRO, Denise Mattos. Op. cit. p. 217.

Chaves / Coloque de preferência. / Era assim sua Excelência, / - Em casos simples ou graves / Não tolerava indecência. / Fez o velho coronel / Concurso para julgar / A quem devei entregar / A batuta do quartel. / Eis do concurso o painel? / Dantas em tudo a tocar / E um no trombone a soprar, / Qual balança fiel. / Este saiu-se mal / Para que no exame entrou / Conhecendo o seu rival?! / Deputado Estadual / De Acari foi quem guiou / Tonheca para Natal.⁴⁴

Tal fato citado acima e que fora narrado por meio de um soneto, também se encontra na obra, “A desfolhar saudades, uma biografia de Tonheca Dantas” do historiador Cláudio Galvão. No referido livro, o pesquisador relata por meio de entrevistas feitas por ele a diversos conhecidos de Tonheca em Carnaúba dos Dantas e Acari, os detalhes do ingresso no Batalhão de Segurança. Assumiu em 1898 a maestria da Banda do Batalhão de Segurança do Rio Grande do Norte, passando a ter uma situação financeira estável com um salário equivalente ao de um oficial. Pouco tempo passou na regência da banda, apenas oito meses e três dias, dos três anos previstos, “[...] a 3 de fevereiro foi excluído com baixa do serviço por ordem superior, conforme fez público a Ordem do Dia Regimental nº 728”⁴⁵.

Estabelecido em Natal e já com 30 anos de idade, decidiu correr o mundo em busca de novos horizontes. Todos os conselhos orientavam-no a ir para o Rio de Janeiro, então capital da República. Em 1903, munido de cartas de apresentação de figuras ilustres do Estado, atravessou o Seridó e a vizinha Paraíba, chegando a Cabedelo, onde tomaria um navio para o sul do país.

Contudo, antes de chegar ao porto, pára em Alagoa Grande, cidade paraibana que era próspera, rica pela agricultura e comércio de algodão, carne e agave. Passa algum tempo lecionando música e conquistando a admiração dos que ouviam o som do seu clarinete. Neste intervalo, junta algum dinheiro, para assim, retomar o projeto de viajar. Preparou-se para seguir rumo ao Rio de Janeiro, mas ocorreu uma mudança repentina nos planos do músico, o que lhe fez ir para o norte, seguindo destino a Belém do Pará. Segundo a historiadora, Marjorie Salú Miranda Sá, o que poderia ter motivado a ida inesperada a região que durante quase meio século, de 1870 a 1920, produziu o mais importante produto do país, a borracha, era o estilo de vida “Boêmio e sem compromissos, o músico de Carnaúba pode ter se

⁴⁴ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. V – 4 – b – 3 – Alguns Benfeitores de Carnaúba dos Dantas (RN).

⁴⁵ Livro 2º dos Praças da 1ª Cia. Arquivo da Polícia Militar do RN. Natal. Citado por GALVÃO, Cláudio. Op cit. p. 55.

envolvido com o fascínio das histórias de fortunas facilmente obtidas e prazeres importados da Europa”⁴⁶.

Chegando a cidade de Belém do Pará - um dos centros culturais mais importantes do Brasil, com um imponente e monumental Teatro da Paz, inaugurado em 1878, onde se apresentava orquestras e companhias de ópera - Tonheca foi submetido a novo concurso, ingressando ainda no ano de sua chegada, 1903, na Banda de Música do Corpo de Bombeiros como primeiro clarinetista. Posteriormente chegou a exercer as funções de afinador e arranjador, executou vários concertos ao ar livre em Belém, em inaugurações, eventos públicos e privados, destacando-se a recepção a uma comitiva do então presidente da República, Afonso Pena, em 1906, quando a banda do Corpo de Bombeiros executou o hino nacional, dobrados e marchas, tendo grande repercussão local. Ainda no Pará, casou-se em 1906, com Ana Florentina da Silva, com quem teve uma filha, Antonia.

Durante a estada no Pará compôs duas valsas “Louca por amor” e “Amor Constante” dedicadas a sua esposa, e outra dedicada à filha do comandante do Corpo de Bombeiros de Belém, intitulada “Iolanda”, entre outras composições perdidas no tempo, encontramos ainda um maxixe⁴⁷ datado de 1909 de nome “Sou imperoso porque posso” demonstrando toda a versatilidade musical de Tonheca Dantas.

Regressou ao Rio Grande do Norte em 1909, trazendo consigo a nova família, composta então, por mais uma filha, de nome Marfisa, fruto de um relacionamento com Olívia, ainda em Alagoa Grande na Paraíba, antes da ida à Belém. Chegando a Natal, ingressa novamente no Batalhão de Segurança, passando apenas noventa dias na função de músico de 1ª classe.⁴⁸ Irrequieto e insatisfeito, em 1910, resolve ir para Alagoa Grande na Paraíba sem a família, com o intuito de se organizar financeiramente. Trabalhou na banda local, deu aulas particulares e tocou em festas e solenidades. Durante esse período, em virtude da vida boêmia e o envolvimento com mulheres, sua esposa, Ana Florentina o abandonou. Em 1911, acaba retornando à Natal, deixando tudo que havia conquistado em Alagoa Grande.

De volta à capital norte-rio-grandense, onde estava em pleno funcionamento o Teatro Carlos Gomes, cuja construção se iniciou em 1898, durante o governo de Ferreira Chaves. O

⁴⁶ MIRANDA SÁ, Marjorie Salú. *Sons do Rio Grande do Norte: Tonheca Dantas e o Seu Tempo*. p. 17. Monografia (Graduação em História). UFRN. 2003.

⁴⁷ Surgiu no Rio de Janeiro entre 1870 e 1880, primeiramente como dança e posteriormente como música, com a fusão e adaptação da polca européia, a habanera cubana, a música popular afro-brasileira como o lundu e o batuque. Entre os cultores do gênero destacam-se: Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Maxixe&tabela=T_FORM_C>. Acesso em: 23 out. 2007.

⁴⁸ Livro 3º da 1ª Companhia de Praças – Arquivo da Polícia Militar do Rio Grande do Norte - Natal. Citado por GALVÃO, Cláudio. Op. cit. p. 127.

local escolhido era denominado Praça da República na Campina da Ribeira, e possuía no período de sua inauguração em 1904, uma orquestra própria. Tonheca então retoma os ensinamentos de música e instrumentos, compondo por encomenda, participando de tocatas em bailes e orquestras. Em 1913, casa-se pela terceira vez com Francisca Lucas, nascendo-lhe o primeiro filho homem, Antonio Pedro Dantas Filho.⁴⁹ Continuava a ensinar música, em virtude da oportunidade que lhe surgira para professor substituto da Escola Normal de Natal, além de participar em conjuntos de animação cinematográfica nas salas recém inauguradas, no Cine Pathè e no Cinema Royal.

É durante esse período que a valsa Royal Cinema se torna conhecida por toda a cidade, com uma melodia expressiva e cativante, conquistou os saraus familiares, as retretas, os cinemas, as bandas de música da capital, do interior e de outros Estados. Popularizando-se, desde os pianos das famílias aos salões de bailes populares ou aristocráticos. Acerca de como se deu o surgimento da referida valsa, o historiador Cláudio Galvão relata que fora por meio de uma encomenda do proprietário do Royal Cinema, José Petronilo de Paiva ao compositor e músico Tonheca Dantas. Tal valsa seria executada nas aberturas e términos das sessões.

Santana dos Matos foi o destino de Tonheca em 1915, logo chegando, inicia a direção da Filarmônica Coronel Carvalho. Gozando de prestígio e popularidade, adquiridos pela sua autoridade e conhecimentos na arte musical, desempenhou altivamente o papel de regente, conduzindo magistralmente a Filarmônica, fosse em festivas retretas na praça principal, em bailes, festas religiosas ou novenas. Novamente no Seridó, contraiu quarto e último matrimônio com Francisca Lino Bezerra, em 1916, com quem teve oito filhos. Em 1916 nasceu Antonio Pedro Dantas Filho (o segundo com este nome), o único a herdar do pai a inclinação para a música. A escritora Donatilla Dantas registrou fotograficamente no documentário um encontro com o referido filho de Tonheca, em 1982, então com sessenta e seis anos de idade, na cidade de Parelhas, onde era mestre da banda "11 de Fevereiro de Parelhas". Naquela oportunidade já era músico da reserva da Aeronáutica, com passagem pela banda de música da Polícia Militar, tendo se consagrado como trombonista.⁵⁰

No ano seguinte foi nomeado guarda de Mesas de Renda, função que conseguiu em virtude de seu prestígio junto aos chefes políticos da região, e que lhe garantira razoáveis condições de vida. Trabalhou em alguns municípios, como Santana dos Matos, Apodi e Caraúbas do Apodi, nestes participava na formação de músicos, organizando bandas e

⁴⁹ Único filho daquele casamento, faleceu em Natal, em 1964.

⁵⁰ Ver mais em Dantas, Donatilla. Op. Cit. Cap. XV – 17 – Carnaúba dos Dantas que eu vi, em julho de 1982.

divulgando as suas composições, que compunha a exemplo da marcha "Batalhão de Segurança" de 1913 e do dobrado "Coronel Pedro Soares" de 1919.

Em 1924 foi licenciado do cargo que exercia junto ao Departamento da Fazenda, recebendo apenas 50% dos vencimentos. Com orçamento prejudicado, aceitou os convites que recebia constantemente e voltou a Alagoa Grande, retornando às atividades costumeiras e viajando a Natal apenas para receber os vencimentos. Contudo, neste intervalo de tempo, compõe as valsas "Saudades de Minha Filha" dedicada a sua filha Antônia Dantas da Silva, e a valsa "Saudades de Minha Noiva" respectivamente nos anos de 1922 e 1923. Na cidade paraibana recebeu uma carta de Elysio Sobreira, que havia sido seu aluno em 1911, e que se tornara comandante do Batalhão de Segurança da Paraíba.

Incorporou nas fileiras da tropa em 1927, ingressando como aprendiz de música, cargo que era equivalente ao de soldado, muito rapidamente é promovido à graduação de soldado-músico de 1ª classe e em seguida ao posto de 3º, 2º e 1º sargento músico. Muito brevemente chegou ao posto de mestre da banda, com a transferência em 1928, do mestre Pedro Rodrigues, que ingressou no Exército, sendo transferido para o Rio de Janeiro. Em dezembro de 1931 é jubulado pela Polícia da Paraíba por causa da idade avançada.

Regressa a Natal, desempregado e com uma numerosa família, procura o Regimento Policial Militar,⁵¹ que tinha como mestre da banda, seu primo, Enéas Hipólito Dantas. Porém, devido à idade, seria fatalmente reprovado no exame de saúde. Contudo, se propõe a compor uma valsa com o nome da esposa do comandante, Dona Lydia Cavalcanti. Por meio desta composição - que deixara encantado o Primeiro Tenente do Exército, Sandoval Cavalcanti, que exercia a função de comando do Regimento - foi incorporado à Banda Militar, com mais de sessenta anos, sem as formalidades e a inspeção médica.

Em 1932, passou à disposição de várias prefeituras do interior para organizar e reger bandas municipais. Esteve em Açu, Santana dos Matos e São José do Mipibu, mantendo um impressionante ritmo de trabalho, regendo, escrevendo arranjos e lecionando. São deste período as composições dos dobrados "Comandante Vitoriano" em 1932, "José de Oliveira", "Sargento Luís Gonzaga" e "Tenente João Machado" em 1933; as valsas "Yaperina Guerra" em 1932, "Iremita Medeiros", uma homenagem que fez à esposa do regente da banda da Polícia Militar, Luis Gonzaga César de Paiva, em 1933 e "Laurita" de 1935.

Na última vinda à terra natal Carnaúba dos Dantas, em 1938, durante a festa de Nossa Senhora das Vitórias, realizada entre os dias 15 a 25 de outubro, ocorreu o encontro com os

⁵¹ O Batalhão de Segurança, pelo Decreto nº 469, de 4 de fevereiro de 1930, passou a se denominar Regimento Policial Militar.

amigos, familiares e com a música. Os festejos começavam com a alvorada da banda de música, ainda pela madrugada, foguetões, missa solene com orquestra e cânticos, procissão. Após a festa religiosa, seguia-se a parte profana com o baile nos salões do Grupo Escolar Caetano Dantas, e a orquestra recebia o reforço de Tonheca. No ponto alto da festa, a valsa Royal Cinema tocada com solo de clarinete e em seguida pelo saxofone, êxtase total, aplausos.

Os problemas de saúde se agravaram em 1938, mas continuava a instrumentar e compôs um dobrado “Aristófanês Fernandes”, que dedicou ao amigo durante uma temporada na fazenda do mesmo. Apesar da luta constante contra os problemas estomacais, veio a falecer no dia 07 de fevereiro de 1940.

Entretanto, suas composições atravessaram a esfera municipal, chegando a outros estados e repercutindo até internacionalmente. Diversas testemunhas informam terem ouvido a valsa Royal Cinema transmitidas por estações de rádio européias, em programas dirigidos ao Brasil, no período em que se desenrolava a 2ª guerra mundial. O relato do Desembargador Silvino Bezerra constante na obra analisada, nos revela detalhes preciosos acerca da transmissão da valsa:

Na fase da última guerra européia, quem tinha rádio procurava ouvir o noticiário dos últimos acontecimentos. À noite eu sempre ouvia, em casa, as emissões da estação da BBC de Londres que, ao fim, nos seus estúdios, exibia uma parte musical. Em certa noite, ouvi nitidamente daquela potente estação internacional de rádio a música da valsa “Royal Cinema”, precedendo o espíquer [sic] do esclarecimento de que se tratava de uma valiosa produção de compositor brasileiro.⁵²

A popularidade das composições de Tonheca, especialmente a valsa Royal Cinema, que venceu a enorme distância da primeira década do século passado, atravessando o tempo, sem os recursos dos meios multiplicadores de divulgação hoje conhecidos, se deu, sem sombra de dúvidas, devido a sua excepcional qualidade, atestada pelos profissionais da música, eruditos e pesquisadores.

A escritora Donatilla Dantas registrou no documentário a admiração do bispo Dom José Adelino Dantas para com o compositor Tonheca Dantas:

⁵² DANTAS. Donatilla. Op. cit. Cap. 5 – 4 – b – 3 – Alguns Benfeitores de Carnaúba dos Dantas (RN).

E na MÚSICA, assunto da sua predileção e que ele conhecia nas suas profundidades, ele exaltava TONHECA DANTAS (Antonio Pedro Dantas), cuja celebridade atingiu o seu ápice musical, quando descoberto, admirado e interpretado pela BBC DE LONDRES, com as suas famosas músicas “ROYAL CINEMA” e “DESFOLHAR SAUDADES”.⁵³

Consta ainda na obra da referida escritora, uma fotografia da capa do disco de Tonheca Dantas, uma divulgação do Projeto Memória, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1983.

Podemos observar que a trajetória de Tonheca sempre foi marcada pela inconstância e a instabilidade, tanto profissional, quanto pessoal e afetiva. Nunca se fixou num emprego ou atividade por um longo período, nem tampouco a um lugar específico, passando por municípios da Paraíba, Pará e Rio Grande do Norte. Não se prendeu a um gênero musical, compondo desde valsas, dobrados, polcas, xotes, gavotas, hinos, marchas e até maxixes. A vida afetiva era coerente com seu estilo de vida, casou-se três vezes, teve uma família numerosa, com 12 filhos. Apesar de tudo, o talento e qualidade musical, adquiridos de forma quase que autodidata e pragmática, sempre lhe proporcionou trabalhos, fossem por meio de concursos ou através de compadrios.

A música no Seridó potiguar continuava viva, mesmo depois da morte de Tonheca Dantas, pois Carnaúba dos Dantas ainda viu nascer por entre suas serras majestosas, o sertanejo que vivia da agricultura, um homem simples e talentoso, Felinto Lúcio Dantas, músico, compositor e maestro, considerado por Donatilla Dantas o “papa da música carnaubense”.

⁵³ Ibid. Cap. 3 – 7 – f – 50 – j - Doadores e Agradecimentos.

4 SERIDÓ, MÚSICA E SUOR

4.1 Entre a enxada e a batuta: o papa da música carnaubense, Felinto Lúcio Dantas

A escritora Donatilla Dantas conviveu com o maestro Felinto Lúcio Dantas, que era seu primo, e ao longo do livro, revela a sua admiração para com o mesmo, tratando-o sempre com adjetivos que expressam o talento e a simplicidade do músico sertanejo. No documentário, encontramos narrativas de acontecimentos, registro de fotografias e cartas de seus encontros com ele, relatando assuntos, envolvendo a música e o apego às tradições de Carnaúba dos Dantas. O primeiro encontro com o músico, se deu em 1949, quando da primeira viagem à Carnaúba dos Dantas, nesta ocasião registrou por meio de uma fotografia, o homem simples, que levava uma vida sóbria e equilibrada, sempre austera e disciplinada, católico praticante, mantenedor dos velhos costumes sertanejos, ligado a terra e à família, revelando-se posteriormente num dos maiores compositores do Seridó potiguar.

O músico, compositor e maestro Felinto Lúcio Dantas nasceu em 23 de março de 1898, no sítio Carnaúba de Baixo. Seus pais foram Manoel Lúcio de Macedo e Jesuína Emília de Jesus. Assim como o primo, Tonheca Dantas, Felinto veio de uma família tradicionalmente ligada à música. Na infância aprendeu a ler e escrever com um primo, ampliando os conhecimentos na escola particular do professor Antônio de Azevedo Filho, desenvolveu o hábito da leitura e o cuidado literário em seus escritos, possuindo uma equilibrada caligrafia.

Em 1915, teve o primeiro estímulo musical, quando assistiu aos ensaios de uma valsa de seu primo, Tonheca, intitulada “Royal Cinema”, pela banda de Acari. Deste dia em diante decidiu que seria músico, e passou a ter aulas com o primo, Pedro Arboés, mestre de música, com quem teve aulas de solfejo e leitura. Em carta escrita em 1948, para Donatilla Dantas, afirma que:

Sou músico de fato desde 1915, e tive como primeiro mestre dessa divina arte o seu titio e meu particular amigo José Alberto Dantas de saudosa memória. Este, apesar dos

seus poucos conhecimentos da arte de Santa Cecília, foi no entanto um grande músico dada a sua excepcional boa vontade, bem como o desejo de acertar.⁵⁴

A iniciação nos instrumentos se deu com um clarinete feito de pereiro com chaves de latão e abafadores de sola, confeccionado pelo carpinteiro, violinista, escritor e historiador Mamede Azevedo Dantas.

A sua primeira composição foi um dobrado de nome “Estréia”, em 1917, como que anunciando a fértil obra que ali se iniciava. Dois anos depois, compõe a valsa “Culpa e Perdão”, inspirado pela leitura de um livro homônimo. Casou-se em 1918 com Antônia Jacinta de Medeiros, com quem teve 14 filhos. O décimo quarto, um natimorto de 2 meses, causou a morte da primeira esposa. Em 1935, casou-se pela segunda vez, com Delzira Medeiros Dantas, que era sobrinha da primeira esposa. Deste enlace, nasceram 16 filhos. Dos trinta filhos que gerou 14 sobreviveram. Na ocasião do nascimento dos filhos, compunha uma música, sempre que nascia um menino, dedicava-lhe um dobrado, quando menina, uma valsa.

A partir de 1920 passa a reger a banda de Acari, cuja estréia oficial se daria sete anos depois, durante a abertura da festa de Nossa Senhora da Guia, padroeira da cidade. Neste período de permanência na regência da banda, estava preparando o conjunto para a festa da padroeira, quando soube da chegada de Tonheca Dantas na cidade, Galvão descreve o acontecimento:

[...] e se aproveitou da estada de Tonheca Dantas, seu primo, que estava na cidade, pedindo-lhe a sua colaboração, para que assumisse a parte de clarinete, que era de difícil execução e exigia um músico mais experiente. Tonheca aceitou o convite e compareceu aos ensaios. Contudo, no dia da festa, Tonheca não compareceu para a alvorada, que se daria às cinco horas da manhã. Felinto não se preocupou, pois a alvorada não tinha partes difíceis para o clarinete. Todavia, não poderia dispensar a sua presença na missa. Terminada a alvorada e preocupado com a missa solene, que se iniciava às nove horas, o maestro decidiu procurá-lo pela cidade, quando alguém o alertou, dizendo-lhe que Tonheca estava no bar de Zé Nunes, jogando baralho desde a

⁵⁴ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. – 2 - A Música do Hino a Carnaúba dos Dantas e o maestro Felinto Lúcio Dantas.

noite passada. Chegando ao bar encontrou-o cansado, mas ainda disposto a participar da missa, apesar do sono, executou a sua parte na missa com segurança e clareza.⁵⁵

Neste espaço de tempo que passa na banda de música de Acari, hoje Associação Cultural Felinto Lúcio Dantas, que compõe um hino laudatório a Nossa Senhora da Guia, a pedido de Tonheca, que havia recebido a encomenda do vigário de Acari, como nos relata Galvão:

[...] mas como o mesmo não possuía muita habilidade para compor hinos para santos, e seu primo era destro no manejo de obras sacras, solicitou que lhe compusesse o hino que lhe fora recomendado, a fim de receber um bom dinheiro. Contrariado, Felinto que já havia tido um ressentimento com vigário, aceitou, com a condição de que seu nome não fosse posto na partitura. No dia da festa da padroeira, todos ficaram encantados com aquela esplêndida fusão poético-musical. Entretanto, o vigário não se manifestava com relação ao pagamento. Desapontado, Tonheca volta à casa de Felinto, e diante dos acontecimentos, devolve a autoria do hino.⁵⁶

Entre 1930 e 1931, após um breve período como regente em São Vicente (RN), Felinto passa a reger a banda e desempenhar a função de professor de solfejo em Jardim do Seridó, cidade próxima a Carnaúba dos Dantas. Durante uma das aulas de solfejo, ao presenciar as crianças do local num banho de chuva, foi tomado de inspiração repentina e compôs, naquele instante o choro “Banho na Chuva”⁵⁷. Entre outras composições podemos destacar as valsas “Lúcia Medeiros Dantas”, “Inês Dantas” no ano de 1931. Em 1932, ingressa como apontador, encarregado do ponto dos funcionários, para a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, quando da concretagem do Açude Público Marechal Dutra, mais conhecida como Açude Gargalheiras. Posteriormente passa a ser apontador geral na estrada Rajada-Picuí, e um ano depois, em 1933, é transferido para Pedra Branca, trecho Currais

⁵⁵ GALVÃO, Cláudio. Op. cit. p 192 – 193. Esse episódio foi relatado por Francisco Rafael Dantas, de Carnaúba dos Dantas que, por sua vez, ouviu do próprio Felinto Lúcio Dantas.

⁵⁶ Ibid. p 194 – 195. Trecho extraído do discurso do maestro Oswaldo de Souza na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras quando, a 22 de agosto de 1968, tomou posse na cadeira nº 33, cujo patrono é Tonheca Dantas. Publicado na revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ano XX, nº9, Natal 1971.

⁵⁷ GUANAIS, Danilo. *O Plantador de Sons: vida e obra de Felinto Lúcio Dantas*, p. 20. Conforme relato de Vicente Graciano da Silva, que estudou com Felinto Lúcio em 1931.

Novos-Angicos, na mesma função e com os mesmos vencimentos. Retorna a Gargalheiras, e no ano seguinte, passa a categoria de armazenista. Em 1936 é transferido novamente para Currais Novos, onde ocupa o cargo de auxiliar de 3ª classe, chegando a pedir exoneração do cargo e indo morar em Acari.

Em Acari, exerceu diversas funções, entre elas, as de músico-regente e compositor, além de desempenhar cargos na administração municipal, chegando a ser Secretário da Prefeitura de Acari entre 1944 a 1968. Por volta de 1934, alistou-se no movimento integralista, de caráter filo-fascista fundado em 8 de Outubro de 1932 por intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo, liderados por Plínio Salgado. Tratava-se de um movimento baseado em preceitos morais e religiosos, como seu próprio lema "*Deus, Pátria e Família*" deixa entrever. Por influência do Monsenhor Walfredo Gurgel e do maestro carnaubense, o movimento que existiu no Rio Grande do Norte entre 1933 e 1937, se expandiu no Seridó e as cidades de Carnaúba dos Dantas, Caicó e Currais Novos passaram a constituir a "Província Integralista do RN", o maior núcleo do Integralismo no Estado. Grandes nomes da história do Estado participaram ativamente do movimento, dentre os mais de três mil adeptos, destacamos, Otto de Brito Guerra, Manoel Lúcio Filho (irmão de Felinto), maestro Waldemar de Almeida, Manoel Rodrigues de Melo, Hélio Galvão e Luís da Câmara Cascudo, que exercia o cargo de Chefe do Integralismo no Rio Grande do Norte.

Neste período a produção musical de Felinto Lúcio declina consideravelmente, devido às atribuições do trabalho administrativo. Sempre que regressava a Carnaúba dos Dantas, o músico participava dos eventos mais importantes da cidade, como nos relata Donatilla Dantas no documentário, referindo à participação dele nos festejos de Nossa Senhora das Vitórias em 1947, no então Monte do Galo. Através de uma carta de Maria Desidéria de Medeiros (Desinha), que era prima de Donatilla, podemos encontrar o registro da participação dos irmãos Pedro e Felinto Lúcio, nas festas teatrais em benefício da biblioteca local, hoje Biblioteca Pública Donatilla Dantas. Eles ficaram encarregados da parte musical do referido evento. Felinto Lúcio, quando secretário da Prefeitura de Acari em 1948, remeteu uma carta para a escritora Donatilla Dantas, revelando sua admiração e apoio à recente biblioteca que havia fundado:

[...] somos rebentos de uma mesma árvore: CAETANO DANTAS CORREIA e como tal uma espécie de irmãos de aldeia. [...] Estou lhe falando como fala um velho parente (pois conto 50 primaveras) e amigo, e que vem admirando a sua atuação com relação à

Biblioteca pública da nossa velha e esquecida Carnaúba, berço de nossos rígidos ancestrais, de cuja Biblioteca sois vós considerada (e com justiça) por todos de nossa terra como a alma fecunda da Biblioteca em tela.⁵⁸

Por meio destas palavras, podemos observar o apego e a preocupação para com as tradições de Carnaúba dos Dantas, bem como o seu refinado cuidado literário, apesar de não ser um escritor.

A banda de música de Acari é reconstituída em 1949, intitulada “Banda de Nicodemos”, nome do músico que ensinava os rudimentos da teoria musical aos iniciantes, continuando sob a regência de Felinto Lúcio. A banda participava de vários eventos, nas cidades vizinhas, como na festa de Nossa Senhora dos Remédios, em Cruzeta, no ano de 1949; na festa de inauguração da “luz elétrica” em Carnaúba dos Dantas em 1950. Durante esse tempo na banda, compõe o samba “O Salto do Bichano” em 1951, e o dobrado “Professor Patrício Torres” dedicado ao amigo, com quem dividia uma república durante a estada de dois a três dias em Acari, neste período. Além de duas valsas, “Rosa Araújo” e “Vitorinha”, dedicadas, respectivamente, à esposa e filha do amigo.

Em 1957, Felinto e Donatilla Dantas, participaram das homenagens cívico-religiosas em memória a Caetano Dantas Correia, idealizada e organizada por Dom José Adelino Dantas, evento este que a autora dedicou o capítulo VII do documentário, com muitas fotografias, todo o cronograma, e a missa campal ocorrida em Acari, no dia 19 de julho, seguido da grande romaria cívica até a fazenda Picos de Cima, onde os descendentes de Caetano Dantas fincaram um marco em memória de seu nome e de seu valor. As homenagens prosseguiram em Carnaúba dos Dantas com outra missa campal nos dias 20 e 21 de julho, seguida de inaugurações do Paço Municipal, dos prédios da Prefeitura, da Câmara Municipal e do Jardim de Infância “Clívia Marinho Lopes”, do prédio da Empresa Elétrica Municipal, de algumas ruas da cidade, pelo então prefeito Anatólio Candido de Medeiros, e da Biblioteca Pública “Donatilla Dantas”. Culminando com a grande concentração cívica na Praça Caetano Dantas, onde ocorreu a inauguração do Monumento em memória à Caetano Dantas Correa, com presença de figuras ilustres, como o deputado federal Dioclécio Dantas Duarte, o historiador Sebastião de Azevedo Bastos, do poeta e músico José Alberto Dantas e do General Octacílio Terra Ururahy, engenheiro chefe da construção do Açude Gargalheiras em Acari.

⁵⁸ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 12 – 1 – A Música do Hino a Carnaúba dos Dantas e o maestro Felinto Lúcio Dantas.

Felinto teve o cuidado de se registrar na Ordem dos Músicos, indo pessoalmente à Natal para realizar o exame em 1961, e posteriormente obter a carteira de músico profissional. Em 1968, se aposenta pela Prefeitura de Acari e retorna a Carnaúba dos Dantas, assumindo a postura de sertanejo compositor e trabalhador da vazante do rio Carnaúba, o que marcou sua imagem até o fim da vida. Em depoimento dado à TV Universitária em 1982, no programa intitulado Memória Viva, o maestro declarou que acordava habitualmente às 4 horas da manhã, tomava um café simples e se dirigia ao roçado, cerca de três quilômetros de distância de sua casa, sempre de forma muito simples, chapéu, saco às costas, uma pequena foice e um chinelo. Retornava do trabalho sempre antes do meio-dia para o almoço, no período da tarde, geralmente dedicado a produção musical, sentava-se próximo à janela, que dava para a calçada, este era seu espaço de trabalho.

Em carta datada de agosto de 1968, D. Adelino Dantas informa do primeiro registro discográfico de Felinto Lúcio Dantas a Donatilla Dantas, conforme relata no documentário:

Tive ocasião de rever o nosso grande Felinto Lúcio, o músico maior dos Dantas de Carnaúba, atualmente. Acabara de compor o hino centenário de Caicó, que agora fez um século de cidade. A obra foi gravada, mas a gravação não corresponde aos méritos do artista autor, infelizmente.⁵⁹

A pedido do prefeito da cidade, e em virtude do aniversário da cidade de Caicó, compôs o hino e a “Valsa Centenária de Caicó”, em compacto Rozemblit, com uma obra de cada lado. No ano de 1971, a saúde já começava a dar sinais de comprometimento, o câncer se tornaria um cruel algoz. Viajou ao Recife para iniciar um tratamento, recebendo 30 aplicações de cobalto no Hospital Santo Amaro, um mês e meio depois, já estava de volta a Carnaúba dos Dantas, reiniciando as rotinas diárias.

No início de 1974, Donatilla remeteu uma carta para o maestro Felinto Lúcio Dantas, enviando-lhe uma cópia da letra do Hino a Carnaúba dos Dantas, de autoria do Dr. Francisco Pereira da Silva, diretor aposentado do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná, que também era poeta, trovador, jornalista, acadêmico e membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico daquele Estado. Por meio desta carta, Felinto recebeu a incumbência de compor a

⁵⁹ Ibid. Cap. 12 – 3 - A Música do Hino a Carnaúba dos Dantas e o maestro Felinto Lúcio Dantas.

Histórico daquele Estado. Por meio desta carta, Felinto recebeu a incumbência de compor a música do referido hino, bem como, de intermediar através da Câmara Municipal e da Prefeitura a oficialização do mesmo. No dia 23 de abril de 1974 é instituído o hino oficial do município, através da lei 175/74, por iniciativa do prefeito, Paulo Medeiros, com letra do Dr. Francisco Pereira e música de Felinto Lúcio Dantas.⁶⁰

A partir de 1975, D. José Adelino Dantas pediu aposentadoria do bispado de Rui Barbosa na Bahia, e foi residir em Carnaúba dos Dantas, se tornando um grande amigo e divulgador de Felinto Lúcio, a quem ele compôs o dobrado nº 62, cuja partitura, manuscrita pelo próprio Felinto, se encontra encartada na obra de Donatilla Dantas. No ano seguinte, é descoberto pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha entre outros objetivos, concorrer de maneira informal e dinâmica para difundir e preservar a cultura do povo brasileiro e para a ampliação do universo cultural dos jovens e adultos da comunidade. A diretora regional do Mobral, Maria de Lourdes Guerra Vale encontrou o músico em sua residência, debulhando feijão junto à família.⁶¹ Esse foi o primeiro passo no sentido do florescimento da obra de Felinto, pois a partir de então, as composições começaram a ser preservadas, copiadas e catalogadas, pelo próprio músico, evitando a perda de dezenas de obras.

Em 1976, Felinto assina com o Mobral um contrato de edição, registro e gravação de alguns de seus dobrados, os de número 1, 54, 55, 59, “Mobral” e 60, das valsas, “Vitorinha”, “Vanuza Carvalho”, “Cecília Maria Dantas”, “Lúcia Dantas”, “Nilda Dantas”, “Maria de Fátima Dantas”, “Terezinha Dantas”, “Adélia”, “Culpa e Perdão” e a “Valsa Centenária de Caicó”, do Hino à cidade de Carnaúba dos Dantas, da Missa nº 1, da mazurca “Maria Célia” e a Canção da Normalista, além das novenas 1 a 11. Neste mesmo ano, o Mobral publica uma parte de suas partituras. No ano seguinte realiza viagem ao Rio de Janeiro, a fim de participar do processo de gravação do disco, que contou com a participação do Coral da Universidade Gama Filho (RJ), Orquestra Sinfônica e Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, e do maestro Radamés Gnattali, como arranjador e intérprete das composições sacras, atestando o prestígio e a qualidade musical alcançada pela obra de Felinto Lúcio

Neste ínterim, conhece Jackson do Pandeiro, Doris Monteiro e Alcione. Teve um encontro com D. Eugênio Sales, um acariense, depois seguiu para a igreja de N. Senhora da

⁶⁰ DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 10 – O Hino a Carnaúba dos Dantas e o prefeito Paulo Medeiros. Encontra-se neste capítulo as transcrições de próprio punho do Dr. Francisco Pereira da Silva e de Felinto Lúcio, respectivamente, da letra e da partitura da música.

⁶¹ Depoimento dado a TVU, 1982. Citado em GUANAIS, Danilo. Op. cit. p. 49.

Conceição, na Gávea, para uma missa, consagrada pelo padre Max Lins, em ação de graças pelo maestro Felinto Lúcio e esposa. Na ocasião desta missa foi cantado o Kyrie da Missa nº 1, de sua autoria e a valsa Inês Dantas. A passagem pelo Rio de Janeiro foi notícia nos telejornais da Rede Globo, “Hoje” e “Fantástico” daquele ano, afora as matérias de jornal, como a do “Jornal do Brasil”, que publicou em 1979, uma enorme matéria de José Ramos Tinhorão com o título: “Felinto Lúcio Dantas – ou os muitos mistérios do povo brasileiro.” A sua obra extrapolou as fronteiras de seu pequeno mundo interiorano, alcançando até o Vaticano, por intermédio de Arlindo Lopes Correia, presidente do Mobral na época, pois a Nunciatura Apostólica do Brasil envia carta de agradecimento pelo envio dos discos e partituras, que alcançaram as mãos do Sumo Pontífice.⁶² Devido a sua obra, recebeu do Vaticano uma bênção papal, enviada pelo papa João Paulo II, através do seu secretariado. Esta seria a segunda, pois em 1965, o papa Paulo VI, remeteu ao músico uma bênção em português.

A partir deste álbum duplo do Mobral - com lançamento em Natal no ano de 1977, no Palácio Potengi, numa cerimônia solene, patrocinada pelo Governador Tarcísio Maia - o velho sertanejo começou a ser considerado uma figura de merecido respeito por parte de importantes personalidades do meio político e social do Rio Grande do Norte. Em 1983, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através do Projeto Memória, com a colaboração do SESI – RN, escolhe, para registro do 25º LP da coleção, valsas e dobrados de Felinto. Gravados pela banda de música do Catre, sob regência de Moisés de Paixão.

Recebeu prêmios da Funarte em 1985, uma medalha especial, dada pela Escola Técnica do Rio Grande do Norte, oferecida pelo crítico de música do Rio de Janeiro, Ricardo Cravo Albim. O Governo do Estado concedeu-lhe o grau de Oficial da Ordem do Mérito do Estado em 1986. Por todas essas condecorações, nunca se sentiu envaidecido, demonstrando sempre um semblante simples, como tão bem nos descreve Donatilla Dantas, narrando poeticamente as paisagens carnaubenses e o mestre Felinto Lúcio Dantas:

Nesta paisagem potiguar, sertaneja, seridoense, carnaubense, imensa extensão bucólica, penhascosa e pitoresca, o Consagrado e Virtuoso Maestro FELINTO LÚCIO DANTAS – carnaubense autêntico, pelo sangue e pelo coração – por certo, busca

⁶² DANTAS, Donatilla. Op. cit. Cap. 3 – 7 – f – 50 – U – Doadores e Agradecimentos. Donatilla relata por diversas vezes em seu documentário que as composições de Felinto Lúcio Dantas chegaram até o Vaticano, além de ser notícia em telejornais de circulação nacional.

força e inspiração para aguçar o seu talento musical enriquecido pela meditação no espetáculo maravilhoso da Natureza que Deus nos deu, e, pensa, e sente, e age. FELINTO LÚCIO DANTAS é poesia, é música, é paisagem carnaubense, é amor ao torrão onde nasceu e, sendo tudo isso e mais aquilo, ele se mistura com a ternura do seu povo e nos brinda com músicas folclóricas, onde ele expressa, nas suas composições belas e sublimes, a sua paixão pelos costumes rústicos e campestres da sua gente que, sendo alegre e vibrante, às vezes, também, enfrenta a tristeza e o desalento, trazidos pelo DRAMA DAS ESTIAGENS PERIÓDICAS, as chamadas SECAS DO NORDESTE.⁶³

Quatro anos mais tarde, no dia 11 de setembro de 1986, Felinto falece, vítima do câncer que a muito lhe martirizava. Mas sua obra continua viva, pois não há uma só banda do Seridó, que não execute uma de suas obras, dentre as muitas composições, quer sejam seus dobrados, valsas ou músicas sacras. E em 1997, como atesta Leide Câmara fazendo referência ao jornalista Woden Madruga, a música de Felinto Lúcio brilhava mais uma vez em solo distante de suas origens. Na Catedral do Rio de Janeiro, durante a missa, que contava com a presença do papa João Paulo II, *A quinta novena*, que fora executada é de autoria de Felinto Lúcio Dantas.⁶⁴

⁶³ Ibid. Cap. 15 – 9 – Carnaúba dos Dantas que eu vi, em julho de 1982.

⁶⁴ CÂMARA, Leide. **Dicionário da música do Rio Grande do Norte**, p. 177.

CONCLUSÃO: ACORDES FINAIS

A partir da análise atenta do livro-documentário *Carnaúba dos Dantas – Terra da Música*, podemos perceber que se trata de um livro laudatório, que procura enaltecer as figuras e personalidades, que outrora fizeram parte da história de Carnaúba dos Dantas. Apesar do sugestivo nome dado ao livro, *Carnaúba dos Dantas - Terra da Música*, bem como do desenho constante na capa, da banda de música de Carnaúba dos Dantas em 1928, o que de imediato nos remete a um pensamento equivocado com relação ao conteúdo do livro, o de que iríamos nos deparar com a história da música e dos músicos carnaubenses, entretanto, isto não ocorre, pelo menos como foco central.

Analisando cada capítulo percebemos que a temática central do livro é a biblioteca que a escritora, Donatilla Dantas fundou nos idos de 1947, dedicando muitos capítulos para homenagear os doadores e as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para com a realização de tal feito. Entretanto, seu livro torna-se essencial para a história local de Carnaúba dos Dantas, e para aqueles que procuram conhecer um pouco melhor essa cidade do Seridó potiguar, pois se trata de um documentário, no qual acontecimentos importantes foram registrados, ora fotograficamente, ora textualmente, compilando informações acerca da atividade musical, da política, da cultura local, de acontecimentos religiosos e sociais entre os anos de 1928 a 1987.

Ao investigar as representações sobre a música em Carnaúba dos Dantas na obra *Carnaúba dos Dantas – Terra da música* de Donatilla Dantas, defrontamo-nos com uma escritora que se utilizou de um eixo de documentos; cartas, ofícios, atas, discursos e fotografias, que procuram, numa tentativa quase que missionária de recolher e coletar informações da tradição musical dessa região, de forma a não permitir que as práticas musicais do homem sertanejo, entendido aqui como homem carnaubense, desapareçam com as modificações geradas pelo passar dos anos, a partir da valorização constante dos elementos desta tradição.

Em parte do livro, ela monumentaliza, a partir dos narradores do livro, a música em Carnaúba dos Dantas, exaltando os grandes músicos carnaubenses, com especial destaque para Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas, isto, visto como uma maneira de parar no tempo esse cenário conhecido e pouco vivido na infância da autora. Recolhendo a tradição desse espaço para imobilizá-la nem que seja apenas no seu livro. O que se pode perceber é que esse discurso enaltecedor só adquire sentido se analisado e contextualizado, tendo como

referencial suas ligações afetivas, familiares e, principalmente sua vida dedicada à cultura carnaubense.

De certo, o que motivou Donatilla Dantas a utilizar o adjetivo, *terra da música*, qualificando Carnaúba dos Dantas como uma dádiva musical em 1987, ano de conclusão de seu livro? Afora a homenagem que ela fez a D. José Adelino Dantas, que era músico, e por tal motivo essa seria a inspiração, segundo a escritora para o título do livro. No meu ponto de vista, a história musical de Carnaúba dos Dantas tem em suas raízes, ainda no século XIX, o início de uma longa tradição que se estendeu por todo o século XX, chegando até os dias atuais. Tal tradição é reverenciada por Donatilla ao longo de parte das páginas de seu documentário.

Poderíamos destacar ainda a figura dos dois grandes músicos, Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas, uma vez que ambos alcançaram um nível de reconhecimento local, estadual e até nacional. A referência ao termo *terra da música*, certamente esta associada ao talento e, conseqüentemente a popularidade das composições dos músicos carnaubenses, destacando-se a valsa Royal Cinema de Tonheca Dantas e as composições sacras de Felinto Lúcio Dantas, que venceram o tempo, chegando hoje, aos nossos ouvidos com a marca indelével de suas qualidades musicais.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ELETRÔNICAS

Site do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Com pesquisas na área de ciências humanas, onde sociólogos, cientistas políticos, filósofos, economistas, antropólogos e demógrafos desenvolvem estudos sobre a realidade brasileira. Disponível em: <www.cebrap.org.br/index.asp?Fuseaction=Conteudo&Menu=486,0,0,0&ParentID=486>.

Dicionário Virtual Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Informações a respeito da música, danças, gêneros e biografias de músicos brasileiros. Disponível em: <www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Maxixe&tabela=T_FORM_C>.

Site do Senado Federal. Biografia dos senadores. Disponível em: <www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp>.

Biblioteca Virtual Mário Souto Maior - Fundação Gilberto Freyre. Biografias de escritores, folcloristas e poetas. Disponível em: <www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicftz.htm>.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário. **Aspectos da música brasileira**. Belo Horizonte: Ed. Vila Rica, 1991.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **Pequena História do Integralismo no RN**. Clima, Rio Grande do Norte. FJA, 1986.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo. UNESP, 1992.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história. Especialidades e abordagens**. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CAMARA, Leide. **Dicionário da Música do Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. AMP, 2001.

CARDÔSO, Paulo Marcelo Marcelino. **Lourival Cavalcanti e o Universo das Bandas de Música**. 2005. 235p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

CHARTIER, Roger. **História cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DANTAS, Dom José Adelinó. **Homens e fatos do Seridó Antigo**. Garanhuns (PE): Gráfica O Monitor, 1961.

DANTAS, Donatilla. **Carnaúba dos Dantas - Terra da música**. Brasília: H. P. Mendes, 1989.

DANTAS, Felinto Lúcio. **Felinto Lúcio Dantas**. Disco de vinil 78 rpm. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Projeto Pró-Memória/ Banda do Catre, 1982.

DANTAS, Tonheca [Antonio Pedro Dantas]. **Royal Cinema**. Disco de vinil 33 rpm, LP, 12 pol. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Projeto Pró-Memória/ Banda do Catre, 1983.

GALVÃO, Cláudio. **A Desfolhar Saudades – uma biografia de Tonheca Dantas**. Natal, RN. DEI, 1998.

GUANAIS, Danilo. **O Plantador de Sons – vida e obra de Felinto Lúcio Dantas**. Natal, RN. FJA, 2001.

HIGINO, Elizete. **Um século de tradição: a Banda de Música do colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988)**. 2006. 141p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais E Projetos Sociais). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX. 1914 - 1991**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

LIMA, Ronaldo Ferreira. **Bandas de Música, Escolas da Vida**. 2006. 148p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do Patrimônio Imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, RN: Netograf, 2005.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense**. 1998. 200p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

_____. Muirakytan K. de. História e Espaço seridoense entre os séculos XVII e XIX. **Mneme – Revista de Humanidades**, p. 2. Disponível em < <http://www.seol.com.br/mneme/> >.

MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. 4ed. São Paulo: Civilização brasileira, 1983.

MEDEIROS, Anna Jacinta Dantas de: MEDEIROS, Márcio Dantas de. Carnaúba dos Dantas: A melodia dos casos e descasos da terra da música. **Mneme – Revista de Humanidades**, n. 18, v. 7, out./nov. 2005. p. 2. Disponível em <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/resumo.php?atual=176&edicao=18>>.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2ed. Natal: EDUFRN, 2002.

MORAIS, J. Jota de, **O que é música**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de, **Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MEDEIROS, Maria das Dores. (org.). **Seridó Antigo – História e Cotidiano**. Caicó, RN: Ed. UFRN, Campus de Caicó, Museu do Seridó. 1994.

MIRANDA SÁ, Marjorie Salú. **Sons do Rio Grande do Norte: Tonheca Dantas e o Seu Tempo**. 2003. 52p. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

MORAIS, Marcus César Cavalcanti de, **Terras Potiguares**. Natal, RN: Ed. Dinâmica, 1998.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música – História cultural da música popular**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. **Preá - Revista de Cultura**. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da história** - ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-62.